

PREÂMBULO

O IMPACTO DAS FRAUDES

O noticiário da mídia nos últimos tempos envolve predominantemente a corrupção. Uma epidemia contagiosa, infamante que lavra entre políticos, empresários, ocupantes de cargos públicos, usurpando bilhões de reais da população trabalhadora e estarecida. Isso apenas nos referindo aos chamados crimes “ilegais”, pois os “legais”, imorais, os “auxílios” indecorosos, desrespeitosos para com a sociedade e a Nação, também pululam por aí, na surdina, codificados e travestidos de “direitos” dos poderes constituídos...

Nós, como pobres mortais, simplórios cidadãos, espoliados contribuintes ficamos a pensar. As pessoas enganadas, lesadas acabam perdendo a fé em si mesmas, em seu próprio País. Daí a corrupção ser um crime de lesa pátria, de lesa humanidade. O roubo do dinheiro público fere de morte a dignidade cívica, esmaga a identidade pátria. Como recuperar a autoestima nacional, como desenvolvermos todos uma vontade férrea, pujante que enfrente a fraude e nos recomponha a autoconfiança?

A cultura da fraude, apropriação indébita, mesmo em menor monta, acha-se inserida no comportamento de muitos. Uma pesquisa feita recentemente pela FUMEC, a pedido da CEMIG e ANEEL, sobre a prática de furto de energia – os famosos “gatos” – teve resultados surpreendentes. Os fraudadores acham correta a sua atitude, alegando injustiça social. Políticos e autoridades não merecem respeito, afirmam convictamente. Os serviços públicos são péssimos, as pessoas maltratadas e tidas pelo Estado como de 2ª ou de 5ª classe. Se políticos furtam o Erário, se meu vizinho furta energia ou outra coisa, por que eu não posso? Eis a reflexão de milhares de fraudadores populares.

Percebe-se e louva-se a tenacidade do Ministério Público, da Polícia Federal e de segmentos do Judiciário na luta contra os piratas e corsários do dinheiro público. Entendemos, todavia, que outras medidas tornam-se necessárias: o estímulo à constituição ou parceria/contratação de empresas privadas, de forças-tarefa especializadas, tais quais as existentes em países do 1º mundo, com objetivos de recuperação de patrimônios levados por estelionatários e fraudadores, com poderes amplos para buscar e bloquear ativos, recolher provas, revistar instalações, acessar documentos e informações guardadas criminosamente por terceiros. Para tal, faz-se necessário um arsenal de operações e equipamentos de alta tecnologia, equipes de profissionais de primeiríssimo nível, peritos contábeis, advogados, grafólogos etc. Medidas severas ainda como confisco sumário de bens amealhados criminosamente, penas duras para os ladrões públicos

Há que se atacar, combater igualmente esse tipo de crime, sob outro aspecto. Mudanças de comportamento de percepção, ações de persuasão e de assimilação de padrões cognitivos pelas pessoas em geral.

O valor de um conde

“A família real Tudor reinou na Inglaterra por mais de cem anos entre 1485 a 1603, inundando a oralidade e o imaginário popular (bem como as peças shakespearianas) com sua saga escandalosa – traições, assassinatos. Pelas cortes dos Tudor’s passaram ainda pintores, escultores e tecelões europeus – muitos fugindo da perseguição religiosa no continente”.

Pág. 3

Mãe Menininha do Gantois



O que Jorge Amado e Vinícius de Moraes têm em comum? Bom, as respostas para essa pergunta podem não ser simples. Mas um fator a destacar é a afeição por Maria Escolástica da Conceição Nazaré, ialorixá que foi descrita por Amado como uma “mulher “pobre, modesta, tímida, que nasceu no Candomblé e nele cresceu, no ofício da compaixão e da bondade, nos ritmos antigos, conservando valores profundos da cultura brasileira”.

Pág. 4

Fraudes Publicitárias

“O cidadão, na condição de consumidor, encontra riscos diários em suas transações (Afinal), se há muitas empresas idôneas, conceituadas; há igualmente outras aventureiras, fraudulentas (...) que, ao angariarem revendedores, prometem lucro fácil, rápido, sem esforço, transformando-se em armadilhas para incautos”.

Pág. 8

Tristeza do Jeca

“Nestes versos tão singelos, minha bela, meu amor... Pra você quero contar o meu sofrer e a minha dor”. Quem é que não conhece ao menos um pedacinho dessa letra emocionante e cheia de saudade? Conheça a história de um verdadeiro clássico da música sertaneja.

Pág. 9

ADIVINHAS

1. O que dá o poder de atravessar paredes?
2. Já casei muitas vezes, mas estou sempre solteiro. Quem sou eu?
3. O que não se pode queimar no fogo nem afundar na água?
4. O que é o que é? Quando está sujo, fica branco?

Respostas: 1- A porta; 2- O padre; 3- O gelo; 4- O quadro negro.

Provérbios e Adágios

- Boi sonso, marrada certa
- Por causa do santo, beija-se o altar
- Espera-se o trem na estação
- Tudo como dantes no quartel de Abrantes
- De armas e bagagens (mudar-se de mala e cuia)

Para refletir

• Não faças da tua vida um rascunho. Poderás não ter tempo de passá-la a limpo.
Mario Quintana

• Sabemos o que somos, mas não sabemos o que poderemos ser.
William Shakespeare

• Por longos períodos de tempo a vida pode parecer uma atividade pequena, enfadonha e sem muito sentido. Mas de repente nos vemos envolvidos num acontecimento de grande porte, que aponta para os fundamentos sólidos, duráveis de nossa existência.
Rainha Elizabeth II – citação de sua biógrafa Sally Bedell Smith

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

AO PÉ DA FOGUEIRA

A TÁBUA DESPRENDIDA

O pânico tomara conta, de vez, de toda a região, em especial moradores de fazendas e povoados ermos, vítimas de assaltos, com roubos de animais e mesmo maquinários, insumos agrícolas. Crescera a criminalidade abruptamente, levando desassossego a produtores, familiares e trabalhadores rurais, vulneráveis à ação dos meliantes.

A cada semana, eis fazendas visitadas por criminosos, deixando um rastro de prejuízos e indignação. Reses roubadas, cercas danificadas, pessoas sobressaltadas, intimidadas. Campanas feitas por moradores e mesmo blitz policiais com poucos resultados concretos. Os ladrões, aparentemente, estudavam bem a situação, com planejamento, diversificando os locais de atuação, as vulnerabilidades de cada propriedade em termos de presença de caseiros à noite, além de manterem rotas alternativas de fuga (por várias vezes, ante a reação de moradores, conseguiram escapar agilmente por estradas e trilhas vicinais).

Não havia, por aqueles tempos, tecnologias como câmeras, sensores de fibra ótica, drones que, instalados, pudessem inibir os ataques dos marginais. Grande, enfim, o número de roubo de gado, com enorme prejuízo aos proprietários e à economia local.

Dezenas, centenas de animais tinham sido já surrupiados, mormente vacas leiteiras, além de porcos e mesmo ovelhas. Várias reses deixadas feridas pelos currais ou pastos, quando não obtido êxito na captura feita pelos assaltantes. Sacarias de café, de adubos, rações eram igualmente alvo, bem como motores elétricos, roçadeiras e implementos agrícolas de menor porte. Sabia-se que a carga roubada era transportada por caminhões, rastros deixados ao longo das precárias estradas da região e em meio às pastagens.

- Coisas de algum zumbi, dizia-se.

Inúteis as tentativas de se localizar os responsáveis pelas “limpezas” feitas nas propriedades, até que um fato, no mínimo singular, viria a resolver de vez o enigma.

Certa manhã, um fazendeiro observa sinais da passagem – ou melhor da “visita” indigesta - de veículo pesado por sua propriedade, dando falta de alguns bezerros; enquanto analisa a situação, detecta à margem da rudimentar estrada um pedaço de madeira, um retalho de tábuas empoeirado. Analisando o objeto, conversando com vizinhos, surge a ideia de que poderia ter se soltado do caminhão, ou seja, o veículo que ali estivera e transportara as reses roubadas, estaria, pois, com uma falha em uma das tábuas da carroceria.

Inicia-se aí uma meticulosa averiguação por parte da Polícia Civil em todos os caminhões transportadores de gado da região. E que eram muitos. Após semanas, chega-se a um caminhão de propriedade de certo empresário local, dono de frota transportadora, que se enriquecera rapidamente nos últimos tempos. Não dá outra. O pedaço de tábuas encaixa-se perfeitamente na falha existente na carroceria.

Chegara-se assim ao ninho do zumbi...



Realização:



Apoio:



Aves observadas

Saíra da serra

Observado dia 05/10 último, na área urbana (Catimbau), um casal de saíra-lagarto também conhecido como sairá da serra, sairá princesa, sairá verde, saíra verde dourado (tangará desmaresti). Em inglês brassy – breasted tanager, pássaro da família thraupidae, ordem passeriforme, subfamília emberizinae, mede cerca de 13 a 14 cm.

Catalogada pelo zoólogo francês Anselmo Gaeton Desmarest (1784 – 1838) autor de “Histoire naturelle des tangarades manakins et des todiers” (1805).

Sobrassai-se por sua vocalização – sons curtos e agudos – zi-zi-zip.

Alimenta-se de frutas, folhas, larvas, insetos.

Ocorrentes no Sul e Sudeste do Brasil.

De cor predominantemente verde-amarelado, com a testa e o anel ao redor dos olhos de cor azul. Peito alaranjado, listas ou manchas negras nas costas no pescoço e bico.

Também outras espécimes de saíras tem sido observadas em nossa região, conhecidos popularmente como tangara, como a saíra militar da cabeça amarela (amarelinha), de sete cores etc.



HENRIQUE VIII E O VALOR DE UM CONDE

A família real Tudor reinou na Inglaterra por mais de 100 anos entre 1485 a 1603, inundando a oralidade e o imaginário popular bem como as peças shakespearianas com sua saga escandalosa – traições, assassinatos. Pelas cortes dos Tudor's passaram ainda pintores, escultores, armeiros, tecelões europeus, muitos fugindo da perseguição religiosa no continente.

Henrique VIII, o mais conhecido deles, homem sanguinário e cruelíssimo, rompeu com a Igreja Católica para se divorciar de sua mulher Catarina de Aragão para casar-se com sua amante Ana Bolena a quem, mais tarde, condenaria à morte.

Casou-se ainda por outras quatro vezes: com Jane Seymour que morreu por complicações de parto do filho e herdeiro Eduardo; com Ana de Cleves de quem se divorciou; com Catherine Howard, decapitada por acusação de adultério e ainda com Catherine Parr que ficaria viúva dele.

Rei que subjugaria a consciência nacional impondo um governo secular. Saqueou igrejas e mosteiros, pilhou, violou, violentou; utilizou porém a arte – no caso pintura – como ferramenta de poder. Reproduzido em vários quadros em especial pelo pintor alemão Hans Holbein em poses de absoluta majestade e em atitude desafiadora.

Certa feita um Conde foi se queixar indignado ao rei que o pintor recusara-se a abrir as portas do seu ateliê, não o atendendo.

O rei – admirador do pintor – respondeu-lhe: “De sete ínfimos camponeses, eu poderia criar sete condes. Mas de sete condes, eu não poderia criar um Holbein”.





1922 – 2022 - 100 ANOS DA SAGRAÇÃO DA IALORIXÁ MÃE MENININHA DE GANTOIS

Maria Escolástica da Conceição Nazaré (MÃE MENININHA DE GANTOIS) foi uma importante líder religiosa e uma das maiores expressões de liderança feminina brasileira, empossando-se/sagrando-se ialorixá aos 28 anos, em 18 de fevereiro de 1922.

Adepta e sacerdotiza maior do candomblé baiano granjeou o respeito de toda a sociedade, de autoridades políticas, religiosas e culturais do País e exterior.

Mãe Menininha, nascida aos 10-02-1864, era bisneta de Maria Julia da Conceição Nazareth fundadora do terreiro de Gantois alê laomin Axê/amassê (em ioruba Iyá Omin Axê Iya massê) em 1849. Dona Maria Júlia era descendente de escravos vindos da Nigéria.

Mãe Menininha enfrentaria toda sorte de preconceitos e discriminações ainda hoje feitos por alguns grupos religiosos fanatizados e fundamentalistas contra os credos de matriz africana, conseguindo, contudo, inserir o candomblé na sociedade Carismática, tornar-se-ia uma referência nacional, aconselhando, orientando a todos que a procuravam, inclusive políticos, artistas. Foi, enfim, modelo de mulher, mãe, líder religiosa, em tudo que participou ofertando lições

de poder, respeito, humildade.

Foi casada com o advogado Álvaro Mac Dowell de Oliveira, com quem teve duas filhas – Cleuza (1923 – 1998) e Carmem (1929 - ...).

A história – como de tantas outras – de uma mulher valorosa, trabalhadora (trabalhou ao longo de toda a existência como quituteira, costureira e modista). Homenageada por grandes escritores e artistas nacionais como Caetano Veloso, Gal Costa, Jorge Amado, Dorival Caymmi, (que gravou “Oração de Mãe Menininha” em sua homenagem), Maria Bethanea etc.

Homenageada ainda com enredos pelas escolas de samba “Mocidade Independente de Padre Miguel” (1976) e “Vai Vai” (2017).

Faleceu em Salvador aos 13.08.1986, sepultada no cemitério Jardim da Saudade em Alagoinhas-Salvador.

“Mãe Menininha está acima de toda e qualquer divergência de ordem política, econômica ou religiosa. É a ialorixá de todo o povo da Bahia, sua mão se estende protetora sobre a cidade. Não se trata de misticismo nem de folclore e sim de uma realidade do mistério baiano” (Jorge Amado – Livro “Bahia de todos-os-Santos”).

Mãe Menininha do Gantois e o poder dos terreiros

Maria Escolástica da Conceição Nazaré tornou-se a maior ialorixá de todos os tempos e teve a seus pés todos os poderosos da Bahia.

Para os adeptos do candomblé, Mãe Menininha do Gantois é uma referência fundamental. É uma espécie de paradigma, um modelo de conduta e sabedoria. Foi empossada como ialorixá aos 28 anos, em 18 de fevereiro de 1922. Mesmo longe da idade avançada, nessa época estava inserida na categoria dos “mais velhos”.

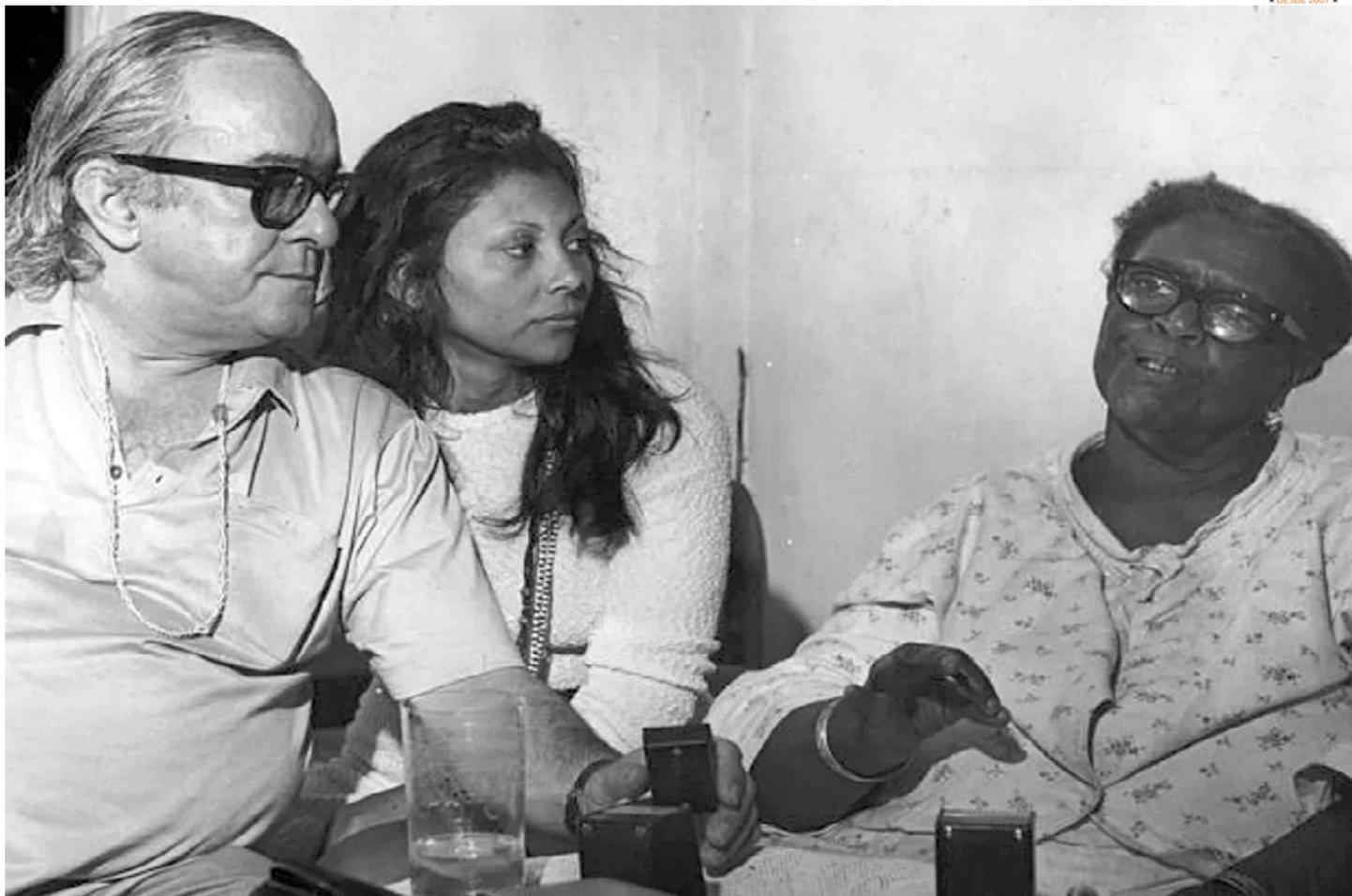
A dignidade do seu posto e sua altivez inspiravam um profundo respeito e, como lembra o historiador Cid Teixeira, todos os garotos, religiosos ou não, lhe tomavam a bênção.

A trajetória de Mãe Menininha é emblemática. Sua fama e poder correram o mundo e durante os 64 anos em que esteve à frente do terreiro do Gantois teve a seus pés gente simples e muito humildes, que ela apoiava inclusive financeiramente, e também artistas, intelectuais e chefes de Estado.

Como registrou Jorge Amado, as comemorações do jubileu de ouro de Mãe Menininha como ialorixá do Gantois reuniram a seu redor a cidade inteira, incluindo o governador e ex-governadores, o prefeito, vereadores e deputados, a intelectualidade baiana, banqueiros e industriais, além, é claro, dos filhos e filhas de santo de todos os cantos do Brasil.

No romance-documento Bahia de Todos os Santos, Jorge Amado revela que “Mãe Menininha está acima de toda e qualquer divergência de ordem política, econômica ou religiosa. É a ialorixá de todo o povo da Bahia, sua mão se estende protetora sobre a cidade. Não se trata nem de misticismo nem de folclore e sim de uma realidade do mistério baiano”.

Foi nessa mesma época que o compositor Dorival Caymmi fez a



Mãe Menininha com Vinícius de Moraes. Ela estava sempre cercada de artistas.

canção Oração de Mãe Menininha, que se tornou sucesso no País inteiro nas vozes de Gal Costa e Maria Bethânia. Homenagens que continuaram e ainda seguem: documentários, enredos de escola de samba, biografia, artigos acadêmicos, cordel, discos, reportagens, iconografias.

Agora, quem era e como viveu Mãe Menininha? De onde vinha tamanho poder? Como descreveu o próprio Jorge Amado, uma mulher “pobre, modesta, tímida, que nasceu no candomblé e nele cresceu, no ofício da compaixão e da bondade, nos ritmos antigos, conservando valores profundos da cultura brasileira”.

Na biografia escrita por Cida Nóbrega e Regina Echeverria e publicada em 2006 revelam-se a humanidade e as fragilidades de Mãe Menininha. Mesmo acometida por doenças bastante graves, que a mantiveram presa a uma cama por mais de década, conseguiu comandar os destinos de seu terreiro com sabedoria e autoridade.

Vê-se aqui o exemplo de alguém que mesmo idosa superou suas dificuldades, tanto físicas quanto sociais, e manteve sua dignidade e autonomia até o último dia de sua vida. Por isso tornou-se uma expoente da categoria dos “mais velhos”: cumpriu um papel de protagonista, transformando-se num símbolo do poder que emana dos orixás, a grande mãe da Bahia, a grande mãe do Brasil.

“A estrela mais linda”, como cantou Caymmi, é até hoje lembrada por sua bondade e dedicação, sobretudo aos mais pobres. Abnegada, sempre atendeu a todos e sempre ajudou os que mais precisavam. Distribuía tudo que ganhava e ali mesmo no alto do Gantois criou suas duas filhas e sucessoras, Mãe Cleusa (falecida em 1997) e Mãe Carmen (atual mãe de santo do terreiro), e outros tantos filhos adotivos, reproduzindo a velha tradição das famílias extensas africanas.

Com “a mão da doçura”, Mãe Menininha influenciou decisivamente para que cessassem as restrições sofridas pelo candomblé, como a obrigatoriedade de autorização policial para a realização dos rituais, e também na abertura dos terreiros a toda sociedade. Tornou-se mãe de santo de muita gente famosa, como Vinícius de Moraes, Gal Costa, Caetano Veloso e Maria Bethânia.

“O sol mais brilhante” traduz o carisma da velha ialorixá, que por sua benevolência, como convém a uma boa filha de Oxum, se fez memorável. “Doce e veneranda mãe, símbolo da bondade e da ternura brasileiras”, diria Jorge Amado. Mãe Menininha é um ícone, pois sintetiza valores universais de humanismo. Mãe Menininha transcende.

Seu poder é o poder do povo negro. Esse poder que tantos insistem em negar, mas não deixam de sentir. Poder latente, que move os corpos, que faz ver a vida com mais cores, que acelera o coração no compasso dos atabaques. Nas palavras assertivas do grande escritor baiano:

“Definitiva foi a contribuição dos negros para a formação de nossa cultura nacional. Apesar das terríveis, monstruosas condições em que a cultura negra se encontrou no Brasil ao desembarcar dos navios negreiros – nas condições de cultura de escravos, vilipendiada, desprezada, combatida à morte, violada, cuja substituição violenta, na base do cacete e do batismo, foi tentada quando os senhores de escravos quiseram impor aos negros, íntegra, a cultura dos colonos, da língua aos deuses.”

Mãe Menininha é a síntese dessa vitória. Vencemos o açoite, o batismo compulsório, as armas da polícia. Foi a força dos orixás, mas também a resistência dessa gente negra, dessa geração que tem em Mãe Menininha sua maior representante. Mais de seis décadas à frente de um terreiro. Desde os anos 1920 até a década de 1980. A história seguiu seu curso, do Estado Novo ao regime militar, da religião oficial ao Estado laico, da perseguição à liberdade religiosa.

Ditaduras, presidentes depostos, renúncias, suicídios, ainda assim Mãe Menininha se manteve plena, reinando e influenciando do alto do Gantois os destinos da Bahia. “Papisa de todos os candomblés do mundo”, tinha o poder e a força do diálogo, especialmente o inter-religioso.

O país de Irmã Dulce, Chico Xavier, Dom Helder Câmara é também o país de Mãe Menininha do Gantois. Lideranças religiosas que se sobrepunham aos interesses políticos e promoviam o bem do povo.

Fonte: <https://www.cartacapital.com.br>



Corpo Médico da Santa Casa de Misericórdia: doutores J. Martins Ferreira, Francisco Mourão Filho, Fausto das Neves, Antônio Viegas e Andrade Reis

Dr. Antonio Andrade Reis 140 anos de nascimento

Dr. Antonio de Andrade Reis, médico de renome internacional, ínclito filho de São Tiago, aqui nascido aos 15/11/1882, filho do Cel. José Pedro de Andrade Reis e Ana Josina Andrade Reis, proprietários da Fazenda Fundão (Ritápolis).

Faleceu em Juiz de Fora aos 25/08/1947, sendo sepultado no cemitério do Carmo em SJDR.

Dr. Andrade Reis iniciou seus estudos primários em São Tiago, os secundários no celebrado Colégio Grambery de Juiz de Fora, matriculou-se em 1904, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro onde formou-se com brilhantismo em 1910. Realizou ainda cursos de especialização cirúrgica durante dois anos na Alemanha e França.

Casado aos 18/01/1910 com D. Gabriela Martins de Andrade Reis (D. Bielinha, 1891 – 1963), passando Dr. Andrade Reis a residir e a clinicar em São João del Rei,

tornando a cidade, desde então, ante a atuação do Dr. Andrade Reis, um dos maiores centros cirurgicos do Estado e do País. Casal com 3 filhos:

1- Dr. Ivan de Andrade Reis, médico cirurgião de renome, falecido em 1982;

2- Sr^a Niva de Andrade Reis;

3- Dr. Antônio de Andrade Reis Filho (1919 – 1992), igualmente conceituadíssimo médico cirurgião.

Trabalharia Dr. Andrade Reis por mais de 30 anos na Santa Casa de Misericórdia de São João del Rei, nosocômio que sob sua coordenação tornar-se-ia referência nacional na área cirúrgica. Atendia, ademais, em seu consultório, na hoje Praça dos Expedicionários, nas especialidades de ginecologia e obstetricia, sem distinções de classes sociais e quaisquer restrições econômicas, considerado um homem caridoso, distinto, assim referenciado como cidadão, médico e homem

público, por toda a sociedade.

Exerceu ainda inúmeras funções como a de Prefeito de São João del Rei – (1927 – 1929 a época cargo exercido pelo Presidente da Câmara), diretor médico cirúrgico da Santa Casa de São João del Rei de 1911 a 1947. Poliglota, dominava vários idiomas dentre eles inglês, francês, alemão.

Foi ele o coordenador da Campanha de vacinação à época da “gripe espanhola” (1918 – 1919). Organizador e diretor da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha (1941 – 1943).

Patrono da cadeira nº 6 da Academia Mineira de Medicina e detentor de inúmeras comendas médico-científicas.

Homem de hábitos simples, discreto, deslocava-se a pé, a cavalo, de trólei ou trem para atender pacientes; era avesso a qualquer vaidade, a qualquer manifestação de lisonja ou elogios.

Uma vida marcada “por seu valor, sua tenacidade e sua modéstia, o Dr. Andrade Reis desviou para São João del Rei quase toda cirurgia do Oeste mineiro, parte do Centro e do Sul de Minas” no dizer de Dr. Antonio de Melo Alvarenga que o sucedeu como ocupante da cadeira nº 6 da Academia Mineira de Medicina.

Dedicou-se também ao longo de sua virtuosa existência à formação e preparo de futuras gerações de médicos e enfermeiros, de forma a conceder continuidade e estabilidade ao quadro clínico sajoanense. Legou todo seu conhecimento, sua metodologia, sua reputação a serviço da população, da comunidade e cidadania. Um mobilizador, motivador e servo do Bem!

Homenageado pela Santa Casa de Misericórdia com a exibição perene de seu busto no saguão de entrada da benemérita instituição.

Percorreu à época todo o município de São João del Rei



BUSTO – SAGUÃO DA SANTA CASA

e região circunvizinha oferecendo tratamento preventivo e cuidados a população contra a febre tifóide e a gripe espanhola.

Ao ensejo de 140 anos de seu nascimento, a reverência e homenagem de sua terra natal e de toda a região.

(Sobre Dr. Antonio de Andrade Reis, ver matérias em nossos boletins nº XI – agosto/2008 e CXIX – agosto/2017).



FRAUDES PUBLICITÁRIAS

O cidadão, na condição de consumidor, encontra riscos diários em suas transações, caindo, com frequência, em armadilhas, principalmente no denominado comércio de “venda direta”, de “porta a porta” ou via meios radiofônicos, televisivos e eletrônicos de comunicação. Se há muitas empresas idôneas, conceituadas, há, igualmente, outras aventureiras, fraudulentas, quando não fantasmas.

Trata-se de um robusto ramo da economia que registrou em 2016 cerca de R\$ 45,7 bilhões em negócios (dados da Associação Brasileira de Vendas Diretas-Abevd) e em relevante expansão. Áreas de cosméticos, suplementos alimentares, eletrônicos, vestuário são alguns dos espaços comerciais mais difundidos e que empregam marketing pesado, veiculados por empresas idôneas e plenamente legalizadas.

Há, contudo, empresas que, ao angariarem revendedores, prometem lucro fácil, rápido, sem esforço, transformando-se em armadilhas para incautos. Algumas das companhias adotam o chamado “marketing multinível” que, além de remunerar o representante com percentual sobre as vendas efetuadas, pagam bônus sobre as vendas de revendedores por ele formada. Prática em si considerada legal.

Há, no entanto, aquelas empresas ou negócios que servem de fachada para pirâmides financeiras, que são estruturas ilegais de redes, em que os de “baixo” remuneram os de “cima”, até que, por falta de sustentação (aporte insuficiente ou de novas fontes de receita) a pirâmide “explode”, lesando quem está na base. O esquema consiste em uma progressão geométrica – arremetimento e conquista de novos participantes – o que é difícil, senão impossível. Segundo matemáticos, uma pirâmide que se baseia na conquista e indicação, por exemplo de mais seis pessoas, envolverá na 13ª camada, cerca de 16 bilhões de pessoas, número superior à população mundial. Infelizmente, as pessoas se sentem tentadas a atalhos e caminhos fáceis, cedendo a promessas fantasiosas de ganhos extraordinários.

Um desses engodos foi o da Telexfree, que vendia supostos serviços de chamada de voz gratuita pela internet – serviço semelhante ao Skype – ao custo de US\$ 49,60 para franquia de 3.000 minutos, lesando mais de 1 milhão de pessoas, arremetidas como “divulgadores”. Somente no Acre, 10% da população foi envolvida por este esquema fraudulento. A empresa foi condenada pela violação dos princípios da boa fé e da transparência nas relações com o consumidor. Outra empresa, a BBom de São Paulo, que oferecia rastreadores de carros, viu-se, igualmente, processada após denúncia de ter lesado 150 mil revendedores.

Operação “Ouro de Ofir” - Todo anúncio com proposta de investimentos mirabolantes, com promessas de ganhos milionários, e que exige pagamento prévio, decerto, é fraude, golpe.

Recentemente, uma quadrilha foi presa no Mato Grosso do Sul (Operação Ouro de Ofir da Polícia Federal) por fraudar pessoas. O golpe aplicado pelo grupo consistia em prometer a investidores um retorno milionário com a repactuação de corretagem de venda de ouro de uma fictícia mina (de ouro)

na Bahia.

A história contada pelos espertalhões – e que enganou cerca de 25 mil pessoas no País – informava que a mina tinha sido explorada à época do Império e o ouro dali extraído vendido para a Europa e os Estados Unidos. Uma família de Campo Grande, dona da mina, após 60 anos de tramitação de processo judicial em certa corte internacional, teria ganho a ação com valores corrigidos, segundo a quadrilha, em US\$ 2,7 trilhões. Um valor absurdo, irreal. Desse valor, a família proprietária reteria entre 40% e 60% e o resto a ser doado. Os golpistas estavam, então, captando parceiros quotistas para ajudarem a pagar os custos judiciais e de retorno do dinheiro. Assim, o quotista que investisse R\$ 1 mil, teria um retorno de R\$ 1 milhão. A quadrilha prometia ainda quantias milionárias com a liberação de antigas Letras do Tesouro Nacional-LTN, mas sempre com pagamento prévio (certo valor antecipado). O grupo tinha uma estrutura operacional aprimorada em 4 divisões. Os líderes, chamados playmasters; os escriturários, encarregados de recrutar os corretores, às centenas pelo País e estes, por sua vez, procuravam e iludiam as vítimas em redes sociais, captando parceiros quotistas e ainda em igrejas. Com a quadrilha foram apreendidos (data de 21/11/2017) mais de US\$ 1 milhão, carros de luxo, armas, 200 kg de pedras preciosas.

A quadrilha usava como fachada (para dar status e credibilidade ao negócio), vários artifícios. Um dos estelionatários se apresentava como juiz federal arbitral, exibindo vistosa carteira; outro como cônsul de Guiné Bissau. O fato é que não existe essa profissão (juiz federal arbitral) e cargos de cônsul são honorários. Falsificavam ainda documentos públicos, em especial do Banco Central e Banco do Brasil, de forma a aumentar e angariar confiabilidade junto às vítimas. Postavam fotos em redes sociais na entrada da sede do Banco Central, dizendo que estavam saindo do local, após reuniões de alto nível, para tratarem da liberação dos recursos e assim pagarem os investidores. Registravam documentos em cartório com nomes complicados, tipo “contrato particular de participação ad-exitum”. A quadrilha, através de um de seus chefes, patrocinou o Operário Futebol Clube e até mesmo a Federação de Futebol do Mato Grosso do Sul.

O grupo explorava também técnicas aprimoradas de neurolinguística, convencendo e persuadindo as vítimas com histórias e narrativas mirabolantes de ganhos, que elas poderiam ter em mãos, ou melhor que estavam ao alcance de suas mãos. Há denúncias do envolvimento de pastores e religiosos no golpe. Chegavam a pressioná-las (os fiéis) para que aplicassem mais e mais, sob o argumento de que as cotas estavam acabando e que elas, privilegiadas divinas, teriam ganhos ainda maiores.

A grande lição é: Desconfiar de ganhos altos com investimentos baixos e pagos antecipadamente.

(A expressão “Ouro de Ofir” refere-se a uma cidade mítica, de onde provinha ouro de grande esplendor e rara qualidade. Tal cidade jamais foi localizada, sequer sua riqueza).

PREVENÇÃO CONTRA ARMADILHAS - DICAS DE ESPECIALISTAS

I. Verificar, antes de tudo, se a empresa oferece um produto real, palpável ou se, pelo contrário, as informações sobre ele(s) são vagas, sem clareza (Produtos como os da Telexfree que vendia supostas ligações, via internet, são altamente suspeitos).

II. Cobrança de altos valores pela inscrição sem contrapartida, ou o correspondente kit de produtos.

III. Promessas de retorno rápido, volumoso, que são, geralmente, estratégias usadas por essas companhias para convencer os revendedores/investidores a comprar amplas quantidades de produtos e a formar grandes redes de consultores.

IV. Empresas que realizam encontros presenciais e convenções, muitos deles pomposos, em ambientes fechados, hotéis ou locais de alto luxo, buscando convencer os convidados a aderir às vendas. Eventos em que histórias de revendedores-modelo bem sucedidos são apresentadas, com grande ênfase. Alguns deles são convidados para ministrar palestras sobre estratégias de comunicação, vendas e relacionamento com clientes. Convenções há que até celebridades esportivas ou artísticas são convidadas e se fazem presentes, prometendo uma vida de sonhos.

A empresa Herbalife foi multada recentemente nos Estados Unidos em US\$ 200 milhões por prometer, através de propaganda, lucros extraordinários a seus revendedores e supervisores, induzindo-os a abandonar a seus empregos e, assim, ganharem liberdade e independência financeira. Imagens e depoimentos de membros eram exibidas massivamente, em que desfrutavam de casas raras, festas exóticas, carros luxuosos, servindo de “isca” para a contratação e cooptação.

Na prática, os distribuidores, ao contrário das charmosas propagandas, tem percentual reduzido nas vendas e são impelidos – dentro do

esquema de “acumular pontos” – a obter o máximo de itens e assim aumentar sua margem de revenda. Os chamados shakes e suplementos alimentares da empresa, por exemplo, são caros e difíceis de concorrer com produtos similares no varejo.

V. Empresas que buscam convencer por meios de “magia” publicitária, entrevistas e/ou vídeos com a utilização de atores ou pessoas de sucesso, e que rejeitam quaisquer críticas aos seus métodos denominando-os (os críticos) de “ladrões de sonhos”.

VI. Empresas que remuneram os revendedores, lançando como “investimento” (investidores), não fornecendo notas fiscais, não havendo evidência de recolhimento de tributos, todos procedimentos suspeitos e em que corre-se o risco de ser uma “arapuca”.

VII. Aquelas que cobram altas taxas para treinamento dos afiliados, incluindo taxas de adesão, compra de listas de endereços de eventuais candidatos a revendedores.

VIII. Empresas “fechadas”, em que há dificuldades de contato, de receber informações sobre a mesma, sob a alegação de “sigilo”.

IX. Empresas em que os afiliados forem recompensados para recrutamento de novos filiados, não pelas vendas feitas a eles.

X. Pedidos de pagamento(s) antecipado(s) de quantias em dinheiro, sob a justificativa de “investimento financeiro”, com promessas futuras de retorno, muitas delas mirabolantes.

Pessoas lesadas devem/podem recorrer aos órgãos de defesa do consumidor, à polícia, ministério público ou à justiça. Inexiste uma legislação que regulamenta o setor de venda direta, em que as empresas, muitas vezes, utilizam-se de autônomos, fugindo às normas trabalhistas (trabalho fixo).

TRISTEZA DO JECA

– clássico da música sertaneja e universal

Embora apresentada pela 1ª vez em 1918, no Clube 24 de maio de Botucatu (SP) somente a música foi editada, posteriormente em 1922 gravada pela 1ª vez em 1924 em versão instrumental da Orquestra Brasil América.

A música, do gênero moda entoada, autoria de Angelino de Oliveira (1888 – 1964) tornar-se-ia um clássico, ganhando intensa popularidade na voz de cantores da época como Patrício Teixeira (1926), Paraguassu (1937), sendo interpretada posteriormente por grandes intérpretes como Maria Bhetânia, Caetano Veloso, Almir Sater, Sérgio Reis, Luiz Gonzaga, a dupla Tonico e Tinoco, etc.

Passaria ao cinema servindo de tema para o filme “Tristeza do Jeca” de Amâncio Mazzaropi que dá vida à figura – tantas vezes injustiçada – do homem interiorano, emocionando o público até os dias atuais.

O compositor e instrumentista - Angelino de Oliveira era natural de Itaporanga (SP) onde nasceu aos 21/04/1888, filho dos lavradores Joaquim Cassemiro e Mariquinha Oliveira que em 1894 transferiram-se para Botucatu.

Autodidata, o menino Angelino aprendeu a tocar violão, viola, violino, trombone, participando desde criança de orquestras e bandas de

música de Botucatu. Em 1917 integra o trio “Viguipi” percorrendo o interior de São Paulo e Minas com apresentações artísticas. Compõe em 1918 o célebre “Tristeza do Jeca”.

Em 1924 transfere-se para Ribeirão Preto, aí se casando, tendo 3 filhos. Cursou farmácia e odontologia. Autor ainda de “Saudades de Botucatu”, “Prece”, “Sabiá”, “Caboclo Velho” etc. Faleceu aos 24/04/1964 na cidade de São Paulo.

Em sua homenagem foi instituído em 1967 o “Dia do Sertanejo” comemorado no último domingo de junho e ainda a Semana “Angelino de Oliveira”.

Homenageado ainda com a denominação da Escola Estadual Angelino de Oliveira sediada em Botucatu. Autor de tangos, valsas, sambas canções, fox trot e toadas.

A canção “Tristeza do Jeca” é hoje de renome internacional, conhecida em todos os continentes e executada até por grandes orquestras mundiais.

Homem inquieto, estudioso, foi homenageado por Paulo Freire com o livro intitulado “Eu nasci naquela serra”. Sua obra biográfica e discográfica acha-se reunida no livro-catálogo “Angelino de Oliveira o inspirado autor de Tristeza do Jeca”, autoria de Marilda Cavalcanti.

LETRA

Nestes versos tão singelos
Minha bela, meu amor
Prá você quero contar
O meu sofrer e a minha dor

Eu sou como um sabiá
Que quando canta é só tristeza
Desde o galho onde ele está

Nesta viola canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade

Eu nasci naquela serra
Num ranchinho beira-chão
Todo cheio de buracos
Onde a lua faz clarão

Quando chega a madrugada
Lá no mato a passarada
Principia um barulhão

Nesta viola, canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade

Lá no mato tudo é triste
Desde o jeito de falar
Pois o Jeca quando canta
Dá vontade de chorar

E o choro que vai caindo
Devagar vai-se sumindo
Como as águas vão pro mar.



HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

Por JOSÉ DE ALMEIDA CASTRO, fundador e ex-presidente da ABERT Clubes de amigos e primeiras "PR" no rádio brasileiro

O rádio nasceu no Brasil, oficialmente, em 7 de setembro de 1922, nas comemorações do centenário da Independência do país, com a transmissão, à distância e sem fios, da fala do presidente Epitácio Pessoa na inauguração da radiotelegrafia brasileira. Roquette Pinto, um médico que pesquisava a radioeletricidade para fins fisiológicos, acompanhava tudo e, entusiasmado com as transmissões, convenceu a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que viria a ser a PRA-2.

A rádio só começou a operar, no entanto, em 30 de abril de 1923, com um transmissor doado pela Casa Pekan, de Buenos Aires, instalado na Escola Politécnica, na então capital federal. Pessoalmente, ao cumprir tarefa em pequeno estúdio de rádio, em 1933, aos 11 anos de idade, na Rádio Sociedade da Bahia, a PRA-4 de Salvador, aprendi que as primeiras emissoras eram clubes ou sociedades de amigos, em geral, nascidas da união de curiosos encantados com a sensacional novidade.

Os famosos "galenas" eram pequenos e artesanais receptores de sulfeto de chumbo ao natural, que com uma antena de arame fino captavam vozes e sons vindos pelo ar. No transcorrer dos meus oitenta anos de trabalho, muitas vezes me perguntaram sobre o início da radiodifusão e onde operou a primeira emissora. A resposta padrão passou a ser: "nosso país não tem tradição de preservar a memória nacional. Por isso, as controvérsias vão sempre existir."

Uma das pistas para esclarecer é saber o nome de batismo: emissoras com clube ou sociedade em seu nome e o prefixo PR são comprovadamente as pioneiras. É o caso da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a PRA-2. Isto não impedia que, no Recife, Oscar Moreira Pinto e um grupo de amigos transmitissem sons e palavras antes do Rio de Janeiro e proclamassem a sua Rádio Clube de Pernambuco como pioneira. Apenas oficialmente registrada depois como PRA-8. Em São Paulo, jovens engenheiros começaram com a Rádio Educadora Paulista. Quase ao mesmo tempo, os baianos entraram no ar com a Rádio Sociedade, a PRA-4, enquanto cearenses organizaram a Ceará Rádio Clube. O Rio de Janeiro inaugurou sua segunda emissora – a Rádio Clube do Brasil – a PRA-3, diferente por ser comercial, a primeira a requerer e ser autorizada pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, via Correios e Telégrafos, a veicular anúncios.

Em dois anos (1923- 1924) eram muitas as emissoras em operação. No Rio Grande do Sul, a Sociedade Rádio Pelotense, de Pelotas, e em Porto Alegre, a Rádio Sociedade Gaúcha, que até hoje se proclama a pioneira no Sul do país. Em Minas Gerais, a Rádio Clube Belo Horizonte, com um potente transmissor de 500 watts; em Curitiba, a Rádio Clube Paranaense; em São Paulo, mais uma, a Rádio Clube São Paulo e a primeira emissora do interior, a Rádio Clube Ribeirão Preto. A partir daí, surgiram emissoras de rádio por todo o Brasil, como a Rádio Clube do Pará, no extremo Norte, e as fronteiriças do Rio Grande do Sul.

E antes das PRs? Apareceu alguma novidade? Em 10 de junho de 1900, o "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, relatou a experiência em 1893, do padre gaúcho Roberto Landell de Moura, com vários aparelhos de sua invenção. No Alto de Santana, em São Paulo, o jovem sacerdote e promissor cientista, em meio a seus estudos, fizera importantes descobertas sobre a propagação do som, da luz e da eletricidade, através do espaço, da terra e dos mares. Sem recursos e sem apoio, Landell de Moura não patenteou seus inventos.

Um físico italiano, Marconi, no entanto, em 1898, durante exposição em Londres patenteou o seu telégrafo sem fio, e mais tarde, a radiodifusão. Tornou-se pai da radiodifusão mundial. Landell de Moura voltou-se para a fitoterapia. Aos 67 anos, frustado e doente, faleceu, anônimo, em setembro de 1928, em Porto Alegre.

Décadas no ar sem atos regulatórios do poder

O paraibano Epitácio Pessoa, nos últimos dias do seu mandato, em 7 de setembro de 1922, anunciou o início da radiodifusão no Brasil. Para aquele anúncio se tornar lei, houve apenas uma única medida depois da festiva transmissão direta durante a Exposição do Centenário da Independência, com a presença do Rei da Bélgica. A histórica decisão era simples. Apenas designava a Repartição Geral dos Correios e Telégrafos, então departamento do Ministério da Viação e Obras Públicas, responsável pelas transmissões de radiotelegrafia e da radiotelegrafia. Foram necessários mais seis meses para a homologação do regulamento dos serviços. E desde então, o único ato conhecido foi o "de acordo" prontamente concedido ao pedido do fundador da Rádio Clube do Brasil, do Rio de Janeiro, para inserir publicidade comercial na programação.

Oito anos depois, o mineiro Arthur Bernardes e o paulista Washington Luis ocuparam a presidência da República, mas só no primeiro governo de Getúlio Vargas, em 1931, houve nova manifestação do Poder Público para regular a atividade da radiodifusão. Os gaúchos comandaram a revolução que derrubou a Primeira República. Instalada, a Junta Provisória de Governo demonstrou conhecer e se preocupar com a penetração do rádio no país. As duas ou três dezenas de emissoras no ar até 1925 eram agora centenas espalhadas por todo o Brasil - número em constante crescimento.

Com Getúlio Vargas no poder, em 27 de maio de 1931, foi publicado o decreto 20.047, que revogava o Regulamento de 1923 e adotava integralmente o modelo de radiodifusão norte-americano. Pontos principais eram a concessão de canais a particulares e a legalização da propaganda comercial. O decreto saiu no "Diário Oficial", onde também, em outra data próxima, o Departamento de Correios e Telégrafos foi autorizado a cobrar uma taxa a todo possuidor de um receptor. Entretanto, o órgão jamais conseguiu aplicar a autorização. O Regulamento de Maio de 1931 – que se diga era detalhado - andou de gavetas em gavetas ministeriais e somente em 1º março de 1932 foi finalmente aprovado, pelo decreto 21.111, o primeiro diploma legal que definiu importante alteração.

Dizia textualmente: "O governo da União promoverá a unificação de serviços de radiodifusão no sentido de construir uma rede nacional que atenda aos objetivos

de tais serviços e que a orientação educacional das estações da rede nacional de radiodifusão caberá ao Ministério da Educação e Saúde Pública e sua fiscalização técnica competirá ao Ministério da Viação e Obras Públicas". O decreto declara expressamente que o Governo Federal concederia frequências de rádio a sociedades civis nacionais.

Primeiros projetos de um Código Brasileiro de Radiodifusão

O Poder Executivo ficou praticamente ausente do crescimento vertiginoso do rádio. Mas, em setembro de 1934, com a outorga de uma nova Constituição, concluída sob forte influência do governo revolucionário, Getúlio Vargas foi novamente empossado como presidente da República e instituiu o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que impunha controle de conteúdo nas transmissões. O DIP era diretamente vinculado ao presidente.

Em 10 de novembro de 1937, em plena campanha para eleição do paulista Armando Sales de Oliveira e do paraibano José Américo de Almeida, seu candidato e ministro, Vargas surpreendeu o país com uma nova Carta Política, dissolvendo o Congresso e implantando o Estado Novo. Estavam começando no Brasil as vendas de receptores de ondas curtas que, no exterior, se tornaram o veículo da propaganda ideológica e cultural. Em 1932, explodiu em São Paulo a Revolução Constitucionalista e o rádio foi o grande veículo de integração da sociedade. Adolf Hitler assumira o poder na Alemanha destruída e, com Goebbels, ministro da propaganda, dominou o rádio, fundamental para sua comunicação com os alemães e com o resto do mundo.

O ano de 1938 foi o divisor de águas: O Brasil parou para ouvir as transmissões dos jogos da Copa do Mundo, sediada na França, e se rendeu ao jornalismo radiofônico que informava sobre os temores de guerra na Europa. Códigos e normas legais para radiodifusão brasileira foram adiados. A 3 de setembro de 1939, os motomecanizados do já poderoso exército alemão partiram da Áustria, então incorporada ao Reich, e horas depois cercavam Varsóvia, a capital da Polônia. Começou a Segunda Guerra Mundial com Inglaterra e França enfrentando a expansão alemã. No Brasil, Vargas agia com sua inegável capacidade política, deixando transparecer simpatia pelos nazistas, enquanto seu chanceler Oswaldo Aranha trabalhava pelo bom relacionamento com a Inglaterra e os Estados Unidos.

As ondas curtas traziam todos os dias, às 21 horas, pela BBC, o histórico programa de "Aimberê", o brasileiro Manuel Braune que, mais tarde, comandou a implantação da TV em Pernambuco, a convite de Assis Chateaubriand. Em dezembro de 1941, aliando-se à Alemanha, o Japão atacou a base aérea de Pearl Harbor nos Estados Unidos. Roosevelt declarou guerra no Pacífico. Meses depois, navios de passageiros brasileiros foram afundados nas costas do Nordeste. Em 1942, o Brasil declarou guerra ao chamado Eixo, enviou pilotos da Força Aérea e Força Expedicionária para os campos de batalha europeus. Em 8 de maio de 1945, os nazistas se renderam. A guerra continuou no Pacífico. Vargas, habilmente, lançou a candidatura de seu Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, eleito presidente pelo Partido Social Democrático (PSD), em coligação com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com o apoio de empresários.

Empossado em 31 de janeiro de 1946, o general Gaspar Dutra surpreendeu os políticos com sua firmeza e respeito às leis. Getúlio retornou a São Borja, sua cidade natal, para preparar sua volta ao poder. Em 1950, ano da primeira Copa do Mundo no Brasil, Assis Chateaubriand inaugurou, em São Paulo, a era da televisão. Agora, mais do que nunca, era a hora de pensar no Código Brasileiro de Radiodifusão. Até então, no Congresso Nacional, praticamente haviam desaparecido as discussões sobre a criação de um código para o setor.

Longos debates no Congresso

Somente em 1958, com Juscelino Kubistchek na presidência, surgiu um amplo projeto de Código apresentado pela bancada da UDN. Seu autor era o deputado e radialista Nicolau Tuma, paulista que desde os 18 anos começara sua carreira como locutor esportivo na Rádio Educadora Paulista e se tornara popular pela forma como narrou um jogo entre seleções de São Paulo e Paraná. Em 90 minutos narrou dez gols (6 a 4 para os paulistas) com tal velocidade, clareza e entusiasmo que logo ficou famoso como o "speaker-metralhadora". Marcou época, ficou popular, sendo eleito vereador por São Paulo e, mais tarde, deputado federal.

Em 1946, a Associação das Emissoras de São Paulo (AESP) realizara um congresso no Rio de Janeiro, cujo tema principal era a discussão de um Código Brasileiro de Radiodifusão. Um projeto foi aprovado e, por intermédio do deputado Berto Condé, levado à Câmara dos Deputados, onde permaneceu sem discussão.

Naquele mesmo mês, a 7 de outubro de 1946, era fundada a Associação Interamericana de Radiodifusão (AIR), no México.

Getúlio Vargas retornara ao poder, decretara a alteração da lei existente, reduzindo para três anos a duração das concessões de canais radiofônicos. A luta política envolvia líderes carismáticos e combativos, que mantinham dura e contundente oposição, entre eles o jornalista Carlos Lacerda, estreitamente vinculado aos oficiais da Força Aérea. Em 1954, em inquietante clima de tensão, o governo de Vargas foi envolvido por um escândalo relacionado a sua poderosa guarda pessoal, em conexão com seu irmão Benjamin Vargas. No auge dos acontecimentos, Carlos Lacerda foi vítima de um atentado, na rua Toneleiros. Pressionado e sem apoio militar, na madrugada de 24 de agosto de 1954, deixando uma carta testamento, Getúlio se suicidou, em seus aposentos no Palácio do Catete. Os acontecimentos políticos adiaram mais uma vez o surgimento de um Código Brasileiro de Radiodifusão.

O carismático ex-prefeito e governador de São Paulo, Jânio Quadros, é eleito então presidente da República. A 30 de maio daquele ano, Jânio baixou o decreto n. 50.666, criando o Conselho Nacional de Telecomunicações, diretamente subordinado à presidência, mantendo, no entanto, a Comissão Técnica de Rádio, como sempre no âmbito do Ministério da Viação e Obras Públicas.

REZENDES | A HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

Toda vez que digo meu sobrenome a pergunta é inevitável: Você é Resende com Z ou com S? A ideia geral que se tem, principalmente entre os integrantes da própria família no Brasil, é que o sobrenome é escrito com Z e que a grafia com S é um erro de registro, do escrivão que anotou o nome e o transcreveu nos livros apropriados.

Como o meu é com S, decidi ver se o que sempre me diziam – e que o escrivão na hora do registro teria feito errado – era o correto. Foi o que me impulsionou a descobrir a origem do sobrenome, como ele surgiu, de onde veio, como chegou ao Brasil e que grafia deveria ter no seu original e, depois, no crescimento e espalhamento dos Rezendes pelo Brasil e por outros países.

Parti de algo particular, em que tinha interesse, para algo mais geral, que era a origem da própria família. Li, pesquisei, busquei dados da ancestralidade dos Rezendes e o resultado é este resumo da história da família. Se você é Resende, pode ficar sabendo um pouco mais da nossa origem e continuar a se orgulhar do sobrenome – com S ou Z – e se não for, terá a oportunidade de conhecer uma das mais numerosas famílias do Brasil, que aqui chegou há muitos, muitos anos.



Os Rezendes, como a maioria já sabe ou pressupõe, são originários de Portugal. Se olharmos a história vemos que o nome surgiu na região do rio Douro, próximo do Porto, em Portugal. O topônimo RESENDE, segundo pesquisadores portugueses, parece ter origem visigoda, mas não há certeza de quem lhe legou o nome. Uma das hipóteses é que tenha derivado do nome de Dom Rausendo Herminges, bisneto de Ramiro II, rei de Leão, que por volta de 1030 reconquistou a área do Douro, então dominada pelos mouros. Foi nela que construiu o seu paço – palácio ou residência oficial de um rei ou outra autoridade.

Se a origem da família recua até Dom Rausendo, a história da região é bem mais antiga, remontando aos celtas e aos romanos, conquistadas pelos mouros, retomada pelos súditos do rei de Leão e, por fim, transformada em portuguesa. O reconhecimento de Resende como cidade – concelho, em Portugal – foi feito por Dom Affonso Henriques em benefício de seu tutor, Egas Moniz de Ribadouro.

A origem do sobrenome Rezende, segundo estudiosos, é geográfica e deriva do nome dado à cidade portuguesa de Resende. Inicialmente, chamada de Villa Redisindi, que vem do alemão, Redisiondus. Historiadores registraram, ainda, outras grafias da palavra, como Reesendi, Reisindi, Reezende, Rresende e Reseende. A procedência germânica do vocábulo é comprovada, segundo filólogos que a estudaram e deriva da união de outras duas palavras alemãs – reths e sinths. No que todos concordam é que a grafia original do nome se fazia com S e não com Z.

Quem primeiro usou o sobrenome Resende, segundo os historiadores, foi Martin Afonso de Baião, que também era descendente de Dom Ramiro II, rei de Leão. Ele se estabeleceu em Beira Alta, Portugal, nas terras que recebeu do rei Dom Fernando Magno, por tê-las conquistado dos mouros. Martin Afonso foi o primeiro senhor cristão a povoar a região e foi quem fundou a Quinta do Paço, que deu lugar ao povoado e, mais tarde, à cidade de Resende.

O BRASÃO DA FAMÍLIA

Um dos descendentes de Dom Martin Afonso foi que recebeu o brasão da família Rezende, derivado do brasão dos Baião, da ancestralidade de Martin Afonso. Segundo o Armorial Lusitano, o escudo – ao contrário do que se divulga no Brasil – é representado por duas cabras em fundo dourado. No Brasil, há um outro brasão dito dos Rezendes, composto pelas cores azul e ouro, sobreposto por uma cruz vermelha. Pesquisadores, no entanto, afirmam que ele é falso e remetem para o Armorial Lusitano, que traz os brasões das principais famílias portuguesas, dentre elas os Rezendes.

As primeiras menções à família aparecem no Livro de Linhagens de Portugal no século XIII. Dois séculos adiante, os Rezendes já tinham ganhado importância política e evidência social em Portugal. Em 1798 é que aparece o primeiro titular da família, João Xavier de Moraes Resende, que foi o primeiro Barão de Resende.

Antes mesmo de aparecer o primeiro Barão na família, integrantes dos Rezendes vieram para o Brasil quando da descoberta de ouro em Minas Gerais, em 1693, em busca de riqueza rápida e fácil. Foram eles que lançaram, por volta de 1716, os fundamentos da freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados.

Apesar de outros Rezendes virem antes para o Brasil, os historiadores consideram que o berço da família no país é o atual município de Lagoa Dourada, em Minas Gerais. Na verdade, ela surgiu no Engenho Velho de Cataguás, que fica no município. Foi



nele que se estabeleceu, na segunda década do século XVIII, João de Rezende Costa e sua mulher, Helena Maria. Os dois haviam chegado dos Açores. A partir do casal, a descendência se espalhou e hoje encontra-se em todos os cantos do Brasil.

Segundo a genealogista Adriana Fernandes de Rezende, por volta de 1716, João de Rezende Costa, que residia na Ilha de Santa Maria, no arquipélago dos Açores, foi informado por seu primo Miguel, que Portugal estava tentando conseguir povoadores para colonizar o Brasil, pois estava sentindo-se ameaçado pela Espanha, que polemizava a respeito das terras ao Sul do país. E, para isso, estava arrebanhando voluntários, principalmente nas ilhas dos Açores, já excessivamente povoadas.

Com a recente morte de seus pais e não vislumbrando chances de se desenvolver por lá, pois os bens deixados por eles não seriam suficientes para mantê-lo e a um irmão casado, decidiu vir para o Brasil. Segundo a autora do livro Engenho Velho dos Cataguás, Climéia Rezende Jafet, que romanceia a epopeia de nossa família, uma embarcação partiu rumo ao Brasil juntando gente de Pico, Fayal e Santa Maria e, nela, estavam João, seu primo Miguel e Diogo Garcia, dentre muitos outros. Depois de 2 meses de viagem, os três decidiram que iriam para a Comarca do Rio das Mortes, nos sertões de Cataguases.

DO RIO PARA MINAS

Desembarcaram no Rio de Janeiro e tomaram o Caminho Novo, atravessaram serras, o Rio Paraíba e transpuseram a Mantiqueira. Chegaram finalmente à região do Arraial Velho de Santo Antônio, assim chamado até 1718, quando foi elevado à categoria de Vila de

São José del-Rey, hoje Tiradentes.

Diogo Garcia estabeleceu-se em um sítio na Freguesia de Nossa Senhora do Pilar e João de Rezende Costa e seu primo Miguel estabeleceram-se na Freguesia de Prados, no território da então capela de Santo Antônio de Lagoa Dourada. João trabalhava duro, de sol-a-sol, e uns 7 anos após sua vinda já estava bem estabelecido. Por essa época, faleceu nos Açores, vítima de um acidente de pesca de baleias, o amigo de Diogo Garcia, Manuel Gonçalves Correia, o Burgão, deixando viúva Maria Nunes. Eram naturais da ilha do Fayal, também no arquipélago.

A viúva e suas três filhas – popularmente chamadas de as Três Ilhoas – por influência do amigo Diogo decidiram vir para o Brasil e especificamente para as Minas Gerais. E Diogo Garcia, muito triste com a morte do amigo, é quem foi ao Rio de Janeiro para receber a família e ciceroneá-la até a região onde estava instalado há 7 anos. Segundo Dauro José Buzatti, em Antigos Povoados de Minas nos Campos das Vertentes, ali chegaram por volta de 1723. Uma delas, Antônia da Graça, já era casada com Manuel Gonçalves da Fonseca.

A segunda, Júlia Maria da Caridade, casou-se, em 29/06/1724, com Diogo Garcia e a caçula, Helena Maria de Jesus, morava com esse casal. Foi quando João começou a prestar atenção na menina. Nas visitas ao amigo falava da fazenda que crescia e do nome que lhe daria, Engenho Velho dos Cataguás, construída em 1723.

O CRESCIMENTO DA FAMÍLIA

Um dia Helena Maria venceu a timidez e perguntou a João o porquê do nome, ao que respondeu que havia encontrado nas terras que

comprara e cultivava duas pedras encaixadas sobre uma maior que tinha a forma de cuia e que imaginou ser um moinho ou engenho para fazer farinha de milho ou de mandioca. Por isso o nome da fazenda.

Helena começou a admirar aquele homem tão sensível que não se envergonhava disso. Pouco a pouco seu interesse foi crescendo ao ver a vontade e o vigor com que ele se atirava ao trabalho, ao cultivo da sua terra. E João, sem notar de imediato, apegava-se à moça loura, cujos olhos verdes lhe passavam doce mensagem de apreço. As coisas progrediram e na manhã ensolarada de 3 de outubro de 1726 João e Helena se casaram. Surgia, então, a família Rezende no Brasil, transformando Lagoa Dourada no seu berço e mostrando que todos nós viemos de Minas Gerais.

A partir daí a história registra o crescimento da família e sua ativa participação na vida econômica e política do Brasil, começando com José de Rezende Costa, um dos inconfidentes mineiros, que foi condenado à morte na forca, mas teve sua pena comutada em exílio, sendo mandando para a Guiné, na África.

Nobre em Portugal e elevada à nobreza no Brasil, a família deu ilustres filhos ao país e hoje conta com políticos, empresários, professores, mas em sua maioria é composta de pessoas anônimas que tem orgulho do sobrenome que carregam e que, muitas vezes, não sabem a história por trás dos Rezendes e tampouco que não faz a mínima diferença se ele é grafado com S ou com Z, pois somos, na verdade, uma única família, surgida em Portugal e vinda para o Brasil, onde se estabeleceu, cresceu e se espalhou.

fonte: <https://www.linoresende.jor.br>



Fazendeiros e autoridades no dia da instalação do município.

A origem de Resende Costa: novas informações*

Um texto do jornal *A Tribuna de São João del-Rei*, publicado em 28/07/1919, sete anos após a instalação do município, diz que o inconfidente filho deu nome ao município.

João Carlos Resende

Em fevereiro de 2019 (dia 12 ou 19, não há consenso), completam-se 200 anos do falecimento de um dos principais delatores do movimento conspiratório que ficou conhecido como Inconfidência Mineira. Joaquim Silvério dos Reis, após enfrentar várias hostilidades na capitania mineira, terminou seus dias no Maranhão, tendo antes vivido em Lisboa. Sempre que o assunto vem à tona é impossível não se lembrar do conjurado José de Resende Costa e de seu filho homônimo, condenados ao exílio na África por terem participado, em fins do século XVIII, do movimento sedicioso. E quando se fala

nestes dois inconfidentes logo vem à mente o município de Resende Costa. Mas, afinal, qual a origem e a razão do nome da localidade?

A Villa Rezende Costa, antigo distrito da Lage, foi criada pela Lei 556 de 30/8/1911, e instalada aos 2/6/1912. O pedido de criação do município foi entregue à Câmara dos Deputados de Minas Gerais pelos habitantes do lugar em uma carta de representação datada de 1/7/1911, com 289 assinaturas. No documento foram elencados 7 motivos que justificariam a reivindicação e se dizia que “o povo pede para o novo município a denominação de “Resende Costa”,



perpetuando por essa forma a memória de um dos precursores da democracia brasileira e um dos mais conspícuos companheiros do imortal Tiradentes.”

Infelizmente a Lei 556 de 1911 não faz menção ao proponente do nome da Villa Rezende Costa. Deixemos de lado as revisões historiográficas acerca da Inconfidência, afinal não se pretende discutir as razões e os objetivos do movimento, tampouco a resignificação que o mesmo ganhou com a República, no final do século XIX. A petição não deixa claro qual inconfidente daria seu nome ao recém-criado município, embora haja a impressão de que os lageanos estivessem se tratando do pai, já que o filho só havia se inteirado do movimento sedicioso posteriormente, não devendo ser um dos conjurados mais próximos de Tiradentes. Contudo, quando a representação foi encaminhada à Mesa da Assembleia Legislativa o deputado Francisco Alves Moreira da Rocha fez um discurso no qual disse: “os signatários da referida representação, em número aproximado de 300, justificam as vantagens da elevação do distrito à vila e pedem, ao mesmo tempo, que lhe seja dado o nome de “Resende Costa”, prestando, assim, uma homenagem àquele antigo conjurado mineiro, cujo nascimento se deu naquele lugar.”

Pelo discurso do deputado é possível inferir que o novo município teve seu nome herdado do inconfidente filho, pois o inconfidente pai nasceu na Fazenda Engenho Velho dos Cataguases, à época arraial de Prados, e só depois foi viver na Fazenda dos Campos Gerais, cuja carta de sesmaria obteve na década de 1750. Já o memorialista José Maria da Conceição Chaves afirmou: “a ideia dessa homenagem ao Conselheiro Resende Costa partiu do respeitável patriota e lageano major Joaquim Leonel de Resende Lara, descendente da família daquele conjurado mineiro.”

Pelo relato o nome do município foi escolhido em uma homenagem ao inconfidente filho, já que ele foi feito conselheiro do Império ao se aposentar, em 1825. Em sua pesquisa sobre os inconfidentes José de Resende Costa, Rosalvo Gonçalves Pinto, após se referir a parte dos documentos aqui apresentados, afirma que “está em pauta um problema a ser pesquisado”, ao se questionar sobre quem foi o verdadeiro homenageado com o nome do município criado em 1911. Uma fonte ainda não consultada para a resolução da questão pode agora ajudar a esclarecer a dúvida. Na edição de número 264 do jornal A Tribuna, de São João del-Rei, publicado aos 28/7/1919, ou seja, 7 anos após a instalação do município em questão, há um suplemento no qual é apresentada uma exposição sobre a Villa Rezende Costa. Em texto assinado por A.A. é dito: “e, enquanto, rebrilhando na luminosa constelação da Inconfidência, o nome de Resende Costa Filho [sic], à antiga Lage, seu ditoso berço, exulta de prazer, Prados, patria pe [sic] Resende Costa, o velho, também conjurado e perseguido, não tem igualmente motivos mui sagrados de legitima infamia?”

No mesmo suplemento, em texto de A.P.A., fica claro qual o

homenageado: “Lage era o nome conhecido do arraial, que foi até pouco a sede do districto de mesmo nome, pertencente ao historico e antigo municipio de S. José d’El-Rey. Na ultima divisão administrativa, aquelle arraial com o respectivo territorio foi desmembrado do então municipio de Tiradentes e elevado a Villa com a denominação de Villa Resende Costa, em homenagem à memoria de um patriota benemerito, filho do logar, conselheiro José de Resende Costa, membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, veneravel nos fastos da liberdade nacional, da qual foi um dos primeiros martyres na Inconfidencia Mineira.”

Ao que parece, portanto, o nome da cidade foi escolhido em homenagem não ao inconfidente pai, mas ao filho. Havendo já evidências suficientes sobre qual foi o homenageado, fica a dúvida: quem foi o mentor da ideia? A Lei 556 de 1911, a carta de apresentação à Assembleia do pedido de criação do município, o discurso do deputado Moreira da Rocha e o já citado jornal de São João del-Rei não fazem qualquer menção ao idealizador da homenagem. Como já visto, José Maria da Conceição Chaves atribui a sugestão a Joaquim Leonel de Resende Lara. Outro memorialista, José Augusto de Rezende, no entanto, afirma que foi “o nome mudado para o de — “Rezende Costa”, — medida essa que era uma aspiração justa dos lageanos e que já vinha sendo estudada e preparada, antes de 1911, por um grupo de patriotas, entre os quaes se distinguiu o coronel João Evangelista de Souza Maia, chefe político local.”

Assim, é possível presumir, se há incerteza quanto ao mentor da escolha do nome, o registro na posteridade de diferentes idealizadores pode ter algo a dizer. Provavelmente a ideia não foi sustentada por longo tempo por uma única pessoa, mas abraçada por parte dos moradores locais, afinal José de Resende Costa, o filho, após voltar do exílio foi um grande benemerito do arraial da Lage, para o qual doou 5 apólices para benefício dos pobres, por exemplo, e se manteve no centro do cenário político do Brasil, chegando a ser eleito deputado para a primeira Assembleia Constituinte da história do país, logo após a Independência. Portanto, o nome do município de Resende Costa não foi escolhido apenas em função da Inconfidência Mineira, afinal ainda outros 2 conjurados (Pe. Toledo e Cel. Francisco Antônio de Oliveira Lopes) estavam ligados à Lage por suas posses e relações sociais e nem por isso tiveram suas memórias preservadas no lugar. Pesou a favor de José de Resende Costa, o filho, sua trajetória e suas ações após a volta do degredo, além de ter nascido no antigo arraial e, claro, seu envolvimento no movimento conspiratório.

* *Extraído da dissertação de mestrado de João Carlos Resende.*

Projeto de pesquisa: Produção e fragmentação de riqueza em Minas Gerais (distrito da Lage, 1871-1912). Em desenvolvimento.

** *Mestrando em História pela Universidade Federal de São João del-Rei.*

Demência: confira sinais precoces que não devem ser ignorados

O diagnóstico de doenças degenerativas tem se tornado cada vez mais frequente à medida que a população envelhece

O diagnóstico de doenças degenerativas, como o Alzheimer, tem se tornado cada vez mais frequente à medida que a população envelhece. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), condições assim afetam cerca de 55 milhões de pessoas no mundo.

A demência é caracterizada por alterações nas funções cognitivas, como a capacidade de memória e de pensamento, que atrapalham a realização de tarefas cotidianas. “Consideramos um quadro como demência quando as dificuldades cognitivas retiram a autonomia do indivíduo”, explica a neurologista Jacy Parmera, que atende no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo.

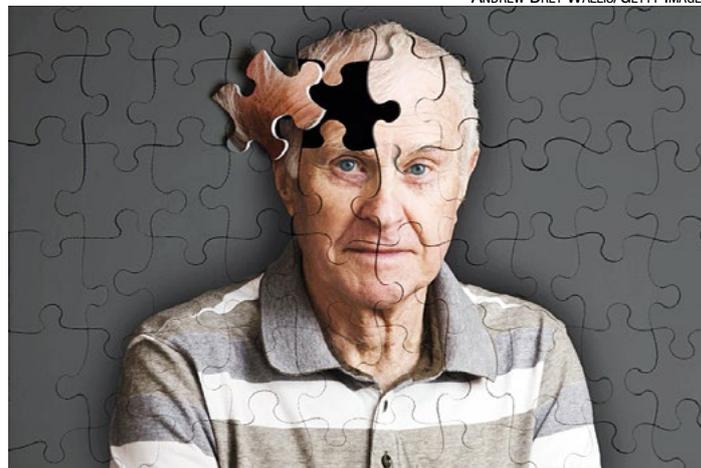
De acordo com ela, a demência relacionada à perda de memória é a mais comum e conhecida. Há outros problemas neurológicos que podem surgir com o envelhecimento como, por exemplo, a perda da capacidade de se comunicar, como ocorreu com o ator Bruce Willis.

Estímulos cerebrais, como praticar exercícios, ter uma vida social ativa e aprender novos hobbies, podem diminuir o risco de doenças degenerativas e, até mesmo, retardar o avanço delas. Como não existe cura para a demência, conhecer os primeiros sinais dela é importante para tomar medidas que ajudem a desacelerar a evolução dos sintomas.

VEJA SINAIS PRECOSES QUE PODEM INDICAR QUADROS DE DEMÊNCIA:

1. Perder-se em lugares conhecidos

Um sinal comum presente ainda no início do aparecimento da



demência é perder-se com facilidade ou não conseguir encontrar o caminho de volta para casa, mesmo estando em lugares familiares. Esse sinal normalmente é considerado natural da idade, mas deve acender o alerta para uma consulta com o neurologista.

2. Dificuldade para se comunicar

A degeneração cognitiva causada pela demência pode atrapalhar atividades simples do dia a dia, como a comunicação. É possível notar dificuldade na hora de se expressar, defender opiniões e escolher as palavras certas, assim como um estado de confusão mental com as próprias emoções.

3. Mudanças de humor e de personalidade

Como a demência pode afetar áreas do cérebro que regulam o julgamento e o modo de enxergar a si, é comum que a condição interfira no autoconhecimento e até mesmo na personalidade de um indivíduo. Durante a fase inicial, podem acontecer mudanças repentinas de humor, levando o paciente a ficar apático ou antissocial, mesmo sendo normalmente sociável, por exemplo.

4. Tomar decisões que parecem não ter sentido

As doenças degenerativas também estão associadas à adoção de atitudes que não estão de acordo com a personalidade do paciente, nem fazem sentido lógico. A característica também se revela com alterações repentinas nos gostos por alimentos ou nos interesses de lazer do indivíduo.

Equipe brasileira faz primeira simulação de cirurgia no metaverso

Com os óculos tecnológicos, médicos acompanham cirurgia de biópsia durante simulação em um hospital de São Paulo.

Se depender de um grupo de médicos e pesquisadores brasileiros, a sala de cirurgia do futuro se tornará uma realidade em breve.

Além da neurocirurgiã e do instrumentador, uma profissional indispensável: a doutora Geex, responsável por orientar esse procedimento via metaverso.

“Nós desenvolvemos um avatar e conseguimos capturar detalhes da técnica para que o avatar orientasse o procedimento. É a junção da realidade e do mundo virtual”, explica a neurocirurgiã pediátrica do Sabará Hospital Infantil, Dra. Giselle Coelho.

Com os óculos do metaverso, ela acompanha uma biópsia que por enquanto é apenas uma simulação em um hospital em São Paulo.

No futuro, acredita-se que através da inteligência artificial será capaz de identificar se o aluno está errando e sugerir que ele repita o procedimento se for necessário. E os avatares vão estar aptos a ensinarem sem fronteiras geográficas ou

econômicas.

Do que se trata o metaverso? O especialista explica:

“É a gente integrar pessoas em vários ambientes através dos seus avatares ou com suas réplicas digitais em que consiga enxergar o mundo real através do holograma ou através de óculos de realidade virtual”.

Segundo a equipe, esta foi a primeira simulação de cirurgia via metaverso no mundo. Tudo acompanhado atentamente por especialistas internacionais.

“A equipe brasileira está fazendo um trabalho extraordinário, criando algo que nunca vi antes. Existem muitas iniciativas na Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard que usam tecnologia de ponta. Acompanho experimentos incríveis, mas nada que tenha o nível de sofisticação desse avatar”, afirma um dos participantes.

“É algo que realmente pode mudar muito, pode mudar a saúde mundial e pode mudar a educação”, diz a doutora Giselle.



HINO NACIONAL BRASILEIRO

O Hino Nacional, conforme aprendemos, é de autoria de Francisco Manuel da Silva (1822) e letra de Joaquim Osório Duque Estrada (1909). E que somente em 1922 quando do centenário da Independência foi oficializado.

O que pouco se sabe, é que em 1890, o governo republicano “golpista” realizou um concurso para escolha do nosso hino nacional saindo-se vencedores Leopoldo Miguel e Medeiros e Albuquerque.

Ganharam, mas acabaram preteridos, pois houve forte rea-

ção popular à pretendida mudança. O hino vitorioso (Leopoldo Miguel e Medeiros e Albuquerque) a título de consolo – ou para minimizar o vexame oficial entrou para a história como “Hino da República” (Decr. 171, de 20/01/1890).

O hino oficial brasileiro recebeu denominações ainda como Hino 7 de Abril (em razão da abdicação de D. Pedro I), Marcha Triunfal e finalmente Hino Nacional.

A letra atual foi oficializada pela Lei 5700 no Governo de Epitácio Pessoa.

Francisco Manuel da Silva

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
 De um povo heróico o brado retumbante,
 E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
 Brillhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
 Conseguimos conquistar com braço forte,
 Em teu seio, ó Liberdade,
 Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada, Idolatrada, Salve! Salve!
 Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
 De amor e de esperança à terra desce,
 Se em teu formoso céu, risonho e límpido,

A imagem do Cruzeiro resplandece.
 Gigante pela própria natureza,
 És belo, és forte, impávido colosso,
 E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada, Entre outras mil,
 És tu, Brasil, Ó Pátria amada!
 Dos filhos deste solo és mãe gentil,
 Pátria amada, Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
 Ao som do mar e à luz do céu profundo,
 Fulguras, ó Brasil, florão da América,
 Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
 Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
 "Nossos bosques têm mais vida",
 "Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada, Idolatrada, Salve! Salve!
 Brasil, de amor eterno seja símbolo
 O lábaro que ostentas estrelado,
 E diga o verde-louro desta flâmula

Paz no futuro e glória no passado.
 Mas, se ergues da justiça a clava forte,
 Verás que um filho teu não foge à luta,
 Nem teme, quem te adora, a própria morte!

Terra adorada Entre outras mil,
 És tu, Brasil, Ó Pátria amada!
 Dos filhos deste solo és mãe gentil,
 Pátria amada, Brasil!

FILHA INDOMÁVEL

Fora, desde o nascimento, uma criança imperscrutável, estranha, caprichosa, embora irradiasse inata simpatia, a todos tratasse bem. De forte personalidade, requeria ser atendida com presteza, solicitude, o que requisitava a atenção redobrada de familiares e serviçais. Requentada nos brinquedos, nos tratos com roupas, fossem de uso pessoal, de cama, banho, que tinham que ser limpas, impecáveis. Filha única, lar de abastados fazendeiros – o pai, conhecido boiadeiro e invernista – porém, conservadores, numa região e num tempo, fins do século XIX, inícios do século XX, de limitadas dimensões sociais, culturais, de restrita comunicação com o mundo externo. Não havia energia elétrica na zona rural, rádio ou telefone; falava-se já nos primeiros automóveis em circulação nos centros maiores...

Querida ser conhecida, destacada. – Não nasci para essa vida provinciana, dizia desde mocinha. Sempre fora observada, exaltada, e a todos impressionava pela rara beleza, graciosidade, exótico charme. De hábitos aristocráticos, embora a rusticidade da velha fazenda, os árduos serviços do campo, por aquelas largas margens do Rio Jacaré, onde nascera e crescera. Enigmática, inconformada, conquanto pais, familiares e serviçais buscassem compreendê-la e a cobrissem de delicadezas, finezas.

Tédio, inexplicável fastio arrastavam-na, dia e noite. Longas horas, permanecia à janela veneziana, imaginação a toda, o olhar suspiroso a estirar-se longe, a buscar os tapetes dos horizontes, rubros de sol crepuscular, matizados pelas estrelas coruscantes.

Educada em colégio de freiras da Providência em Mariana, algo raro para mulheres, por aquelas décadas, albores do século XX. Ali tivera contato, confidências com outras jovens internas, muitas oriundas de ricas e viajadas famílias; ampliara também o seu conhecimento do País e do mundo, o frisson das grandes cidades, movimentados portos, a que agraciava, em suas fantasias, com auréolas de glamour, enlevo. Lera e estudara, outrossim, grandes escritores, dentre eles franceses como Gustave Flaubert, com seus romances sobre a vida social, as altas rodas da nobreza e Corte, em especial as europeias. Adquirira, ademais, efetivo conhecimento de francês, língua, à época, de notável realce social e cultural.

Findos os estudos, sem esperanças ou perspectivas imediatas, deixou-se esposar por um filho de fazendeiros da região. Viu-se empurrada pelos pais, julgando eles refrear, assim, a impetuosidade e os devaneios pomposos da filha. – O casamento, os cuidados com o lar, com o marido e eventualmente filhos, hão de domá-la, decerto, pensavam.

O tálamo, porém, não a fizera sossegar. Ou melhor, desiludira-a ainda mais, passando a rejeitar o marido. Sob os longos e debruados vestidos, ocultava-se um coração fremente, ardente, ansiando por uma saída, uma fuga para a existência prosaica em que se achava. Tinha sonhos altos, imaginação solta, asas largas para voos a longas, chamativas distâncias, balançando-se entre a realidade e a ilusão, o cotidiano pastoril e o devaneio fidalgal.

Via-se, fantasiava-se a observar vitrines, adentrar lojas refinadas, manusear peças e objetos de etiqueta. Folgava-se em salas de estar rebuscadas, rocambolés salões, escadas de mármore, câmaras suntuosas, interiores com faustosos drapejamentos, paredes e teto recobertos de afrescos e pinturas, ambientes finos com recamadas tapeçarias orientais, macias como seda, cambiados espelhos de vidro transparente, cortinados de rendas, a que portentosos lustres, candélabros de bronze iluminavam. Ela, revestida de preciosos vestidos em seda e cetim, as mais rendadas confecções, joias magníficas, frequentando os mais refinados, exigentes jantares, servidos em



fina porcelana, mesas requintadas – toalhas do mais puro linho, adornadas em abrolhos, alvos guardanapos debruados com rendas de crochê e bordados portugueses – providos por lacaios, ela a degustar os mais puros vinhos, conhaques e licores em taças de cristal boêmio, as mais opíparas, exóticas iguarias, os círculos sociais mais empolgantes, ali cortejada, desejada, disputada por olhares gulosos, lábios galanteadores...

Imagens rodopiavam, turbinavam-lhe incessantemente, o cérebro, enquanto olhar e mente perscrutavam, alongavam-se além das margens do rio próximo, que se, a um tempo, a aprisionavam, do outro induziam-na a fluir através das correntes em fuga. Devaneava, constantemente, em febris fantasias, exultante sempre, em pomposas rodas, envergando os mais luxuosos mantos, em meio aos mais genuínos perfumes, as mais raras essências ou – se, em ambientes mais íntimos – enfiada em robes de seda indiana, almofadas enfeitadas de renda italiana, o aconchego à luz e ao calor de iridescentes lareiras – e todo seu rosto, em êxtase, a expressarem movimentação, prontidão ante o chamado do paraíso, que antevia, gozava mentalmente, calor que lhe tomava todo o corpo e que, na sua imaginação obsessiva, sensualizada, esperava-a alhures...

Via-se, ademais, desfilando por salões, ao ensejo de bailes e festas suntuosas, o busto farto, estudados decotes, a exibirem-lhe beleza e sedução total, a rodopiar nos braços de elegantes cavaleiros, exuberantes pares e, ainda, por ruas de cidades imaginárias, as saias amplas ou vestidos de seda ricamente enfeitados, finos chapéus a lhe cobrirem os cabelos em rebuscados penteados, sempre ao lado de homens belos, nobres, cortejada, requisitada...

– Ora essa! e ela ali naquele fim de mundo, esposa de um roceiro, que tresandava a curral e que, de há tempos, passara a repudiar! Como viver ali, aprisionada dentre plantações de café, gado, terra vermelha, nesgas de mata nativa, gente inculta, poeirentas estradas, lodosos caminhos, que interligavam a sede a aglomerados de casas de colonos, estreitada saída para o mundo externo?!

Julgava-se, no íntimo, uma mulher nobre, soberba, sonhadora, fora do ambiente adequado à sua estirpe. Angustiava-lhe, todavia, desgostar o marido – que, embora afetuoso, tolerante, parecia-lhe prosaico, rústico camponês – e aos pais, tão solícitos, amigos, trabalhadores, terras cultivadas a perder de vista, currais e pastos repletos de reses, tornando-se ela de uma expressão soturna, dupla e imensamente infeliz. No fundo, porém, culpava-os a todos por seu infortúnio, sua insaciedade, aprisionamento...

Percebendo-lhe os suspiros, a imaginação viajando por ignotos, fictícios paraísos, os píncaros do desejo, a mãe buscava trazê-la à realidade, ao vale terreno.

- Ajude-me aqui, filha, nesse doce de limão rosa.
- Dê-me a mão no corte desta peça de cambraia. É uma camisa que estou costurando para seu pai...
- Quem sabe, preparemos uma manta de bebê... (no intuito de direcioná-la à maternidade).

Embora a abstração, mantinha-se sempre elegante, o porte esguio, o hábito de voltar os negros olhos, lançar os longos cabelos para trás. Uma elegância inexprimível, a pressentir, espreitar cenários deslumbrantes, em que, mentalmente, girava, desprendia-se numa embriaguez de prazer, retornando, forçadamente - por alguém ou algum barulho circundante - a si, expressão agônica, os olhos impacientes, turbulências da frustração, da exasperação, marcas de um temperamento indócil, imprudente!...

Um dia, aproveitando a ausência do marido - que fora buscar um rebanho adquirido em propriedade distante, questão de meia quinzena de viagem - lançara-se ao mundo, pela madrugada, no silêncio da fazenda aquietada. Preparara-se para tanto, sem despertar maiores ou nenhuma suspeita no âmbito da família. Guardiã, um dos cães da fazenda, ganindo triste, ainda corra, à sua frente, mas a uma ordem da lívida, lépida mulher, retornara, estremunhado, ao interior do pátio. Deixara ela um lacônico bilhete sobre o leito por arrumar. Pedia desculpas, mas tinha que ir atrás de seu áureo destino, finalizando, em sua caprichosa imaginação: - Minha felicidade está além do rio, à grande distância... E vou à sua procura... Perdoem-me...

Levara-se, assim silenciosa, invisível, dentre a quieta, impenetrável noite, por mais aguçados os ouvidos, terra e rio adormecidos. Teria se movimentado sozinha, quem o saberia?! Para onde (e se com alguém), remota a informação, meras hipóteses para o reino da imaginação! O conflitante temor de passar a vida de forma apagada, sem reconhecimento e o ardente, tresloucado desejo de glórias quixotescas, de realizações áureas, acolá...

O falatório se espalhara, incontrolável. Vãs as tentativas de se encontrar respostas ante tamanho, desmesurado ato. Que se deixara iludir, apaixonar, por um boiadeiro jovem, do sul de Minas, que se hospedara, a negócios, na fazenda, há algum tempo; segundo outros fuxicos, o sedutor seria um francês, funcionário de empresa que trabalhara na manutenção da rede ferroviária, na região; de que fora induzida por ex-colegas de internato, moradoras em grandes cidades, com quem, periodicamente, se correspondia. Tudo conjecturas, pois nada fora apurado!

Alguém tê-la-ia visto, ao amanhecer, tomando o trem na estação ferroviária próxima. A única informação fidedigna em meio a todo o tumulto reinante!

Um trauma familiar e social, enfim, um escândalo com muitas dimensões e variações. O pai buscou, por todas as formas, encontrá-la. Até detetives. Nisso dispendeu muitos recursos. O marido afrontado permaneceu na fazenda, mais por solidariedade, lealdade aos sogros. Era ele um homem magro, rosto oblongo, recoberto por vastas costeletas, aparência serracena. Sempre fora de índole reservada, dado ao trabalho exaustivo (um mouro, dele se dizia, sempre ocupado com lavouras e rebanhos), de curto falar, abissal pensar, siseudez própria da cultura nativa. Jamais tocara no assunto, a deserção da esposa, e não o permitia fosse abordado, sob qualquer forma. Expressava-se geralmente por advérbios, interjeições, interrogações, curtas, retalhadas frases: - "Ah, sim, deves..." ; "É bastante...". Fora, desde o início, preciso com os sogros: - Aqui só cabe um, ou seja eu, enquanto vocês assim o desejarem. Definia, dessa forma, seu total rompimento com a esposa desertora.

Anos se passam, uma década quase. Os pais envelhecidos, a olhos vistos. Vexados, aturdidos, abatidos. Eis que, certa inesperada tarde, a filha ressurgiu. Destroçada, a deportada por si mesma, uma múmia em carne viva. Uma sombra de gente. O conto de fadas se fizera pesadelo. Mistificações do destino a lhe lançarem, no rosto e na alma, o ácido da desonra, da vulgaridade, a consciência rachada, liberdade e dignidade extorquidas, ela, ali, a perambular, quase irreconhecível, grotescamente, pelas ruas da cidade onde nascera, olhar perdido, varrido chão... Buscara, em vão, abrigo ante antigas colegas e amigas, então senhoras da alta sociedade local, alguns familiares, as portas simplesmente cerradas. A fatura apresentada.

Atos irrefletidos, por mais alongado o prazer noturno, têm os clarins do amanhecer a nos convocar à realidade.

Suspenses, esperanças, ilusões, tudo transformado em medo, náusea, fracasso! Escrúpulos, dissimulações, fantasias, tudo submerso, sepultado, a cruz da ironia a marcar o enterro de todas e tantas ilusões. Tão orgulhosas asas de outrora, ei-las fragilíssimas, a tremerem convulsivamente ante as rajadas da tempestade implacável, ventos por ela mesma, um dia, semeados. Uma dor viva, que ora a eriçava, ora a lapidava, como a um último trapo de honra, o mais esmoler dos seres.

Ilusões, aos milhões, sequer convertidas em uma pequena moeda de grandeza, respeitabilidade, decência. Enfado - vazias, duras lembranças de uma existência promissora, significativa em que ela fora chamada, especial coadjuvante, a exercer o principal papel (por ela rejeitado) - filha, esposa, mãe - Prazeres, fascínios, vulgaridades, eis tudo. Peça do mais fino cristal que se estilhaçara, irrecuperável, lançando cacos por todos os lados. Uma falsária de sua própria vida. A tudo suprimira, autoconvidada por doentias fantasias, julgando-se com direito a finas essências, sabores, louvores - inebriantes, voláteis, corrosivos...

Sabendo que os pais se achavam na cidade, buscou-os, deixando-se cair, desgrenhada, prostrada, roupas em frangalhos, os cotovelos sobre os joelhos, as veias abertas em dor e humilhação, velas soltas a se esvaírem num mar revoltado, sem prumo nem rumo... Embora a dor, decidiram acolhê-la, afinal era filha, sangue do próprio sangue. Retornando à casa, o marido vilipendiado sai, de vez, inlucidez a toda, por outra porta...

NOTAS

• O tema da "busca do paraíso" pessoal - muitas vezes meramente onírica, quimérica - aparece, com frequência, na literatura. No conto "A garganta do inferno", cujo enredo se passa na região de Ouro Preto, incluído na obra "Lendas e Romances" (1871), o escritor Bernardo Guimarães narra a história de Lina, jovem que sonha com um rico príncipe, dono de imensa fortuna em ouro. Contra a vontade da mãe Gertrudes, a moça evade-se de casa e encontra jovem milionário, vivendo um romance de curta duração. A jovem frustrada, arrependida, retorna à casa, provocando tragédia pessoal-familiar.

• Também o famoso romance "Madame Bovary", de Gustave Flaubert, retrata a trajetória de Ema, jovem e desiludida esposa, consorciada com um médico, no interior da França, século XIX, que deixa-se levar por uma busca de felicidade extraconjugal, conduzindo-a ao adultério, a fraudes, a dívidas, à trágica morte. Enfadada com a pacata vida provinciana, busca Ema a autodeterminação, o desvencilhamento do destino a ela imposto pela sociedade patriarcal, ainda que de forma ensandecida.

"Sua vida era fria como um sótão com a claraboia voltada para o norte e o tédio, qual aranha silenciosa, tecia-lhe, à sombra, a sua teia em todos os cantos do coração", lê-se na obra, que é, em tese, uma crítica aos padrões convencionais da sociedade de então. O livro, visto como imoral, provocaria escândalo e indignação, levando o autor aos tribunais.

Geraria, ainda, a criação do termo psicológico Bovarismo, que retrata aqueles que alimentam desejos audaciosos, que extrapolam as condições vivenciais, fazendo-os sucumbir a devaneios intangíveis à realidade e os vivem como se existissem, perdendo-se entre os mundos da fantasia e da aspiração. Termo hoje abrangente, que se estende e alcança as pessoas obcecadas pela ilusão de riquezas, prazeres, hedonismo, que surgem atraentes, sob rótulos cintilantes, sutis, em geral golpes publicitários. Estratégia lamentavelmente utilizada por avatares religiosos, gurus, influenciadores digitais, políticos que se valem da espetacularização, de estratégias midiáticas ardilosas, recursos cênicos e linguísticos falseadores, a fim de conquistar adeptos, obter vantagens comerciais etc. Segundo o celebrado escritor Mario Vargas Llosa, Madame Bovary simboliza a alienação que se apossa de homens e mulheres nas sociedades industriais, onde o consumismo torna-se válvula de escape para a ansiedade, a tentativa, em si sedutora e por vezes corruptora, de preencher com objetos e fetiches o vazio da própria existência.

• Na década de 1950, a revista O Cruzeiro publicou extensa reportagem sobre uma rica estancieira gaúcha, cuja filha adolescente desaparecera, evadindo-se do lar. Após doze anos de buscas, utilizando-se de detetives particulares, dispendendo imensos recursos, a senhora conseguiria localizar a tresloucada moça num prostíbulo de luxo na capital paulista...

• O relato ou enredo "Filha indomável", pertence ao romanceiro popular da região, de repercussão à época (há cerca de um século) cuja família optou, correta e compreensivelmente, por sepultar a dolorosa ocorrência.



FESTAS NAS MINAS OITOCENTISTAS

As festas foram acontecimentos marcantes na vida social do Brasil colonial e imperial, em particular a região das Minas Gerais, sendo mencionadas frequentemente em relatos de viajantes estrangeiros que atravessaram o território mineiro, em especial no século XIX, compondo, dessa forma, a nossa etnografia histórica e mesmo antropológica. Os autores não só observaram, mas, por vezes, interagiram numa sociedade que lhes era desconhecida, buscando enunciar-la, descrevê-la a partir de sua diversidade e alteridade (construção do outro a partir de si, de sua subjetividade).

As festas eram entendidas como “usos e costumes” da população, próprias e próximas da vida cotidiana, formando e embasando nossas tradições, folclore e cultura popular. Os viajantes, além de tratar de temas como flora, fauna, riquezas minerais, topografia, sociedades indígenas e escravas, dentre tantos, debruçavam-se sobre nosso mundo social, a que se incluíam costumes, festas, músicas populares etc. Ao focar as festas – profanas, cívicas, lúdicas, religiosas⁽¹⁾ – que permeavam o cotidiano brasileiro, os viajantes tinham como objetivo em seus relatos “informar o leitor, com mínimos detalhes, acerca do evento, mas também serviam para caracterizar os habitantes, segundo uma elaborada concepção de raça, cultura e civilização” (Miriam Leite – “Livros de Viagens 1803-1900, Rio de Janeiro, UFRJ, 1997, p. 635).

As festas e costumes exerciam sobre os viajantes uma mescla de fascínio e repulsa, encantamento e medo; afinal, éramos vistos como uma sociedade iletrada, exótica. Admiravam-se os viajantes da longa duração das festas e da profusão de dias santos e feriados no Brasil, o que transcorre até os dias atuais. Nos dias de festas, a cidade ou vila – por mais pacata ou isolada – tornavam-se o palco ou centro do evento, recebendo gente de longe, pessoas com as melhores roupas e adornos pessoais para a missa dominical e encerrado o sagrado, deslocavam-se para o profano na praça: jogos, circo, desfiles pelo passeio público etc. “Nos lugares auríferos, assim como nas regiões exclusivamente agrícolas, os lavradores só vem

à povoação para assistir a missa do domingo e das festas e suas casas ficam fechadas durante os dias de trabalho” (Saint-Hilaire – “Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” – Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 2000, p. 137).

As festas, notadamente as religiosas, eram/são expressões urbanas e formas de espetáculos por excelência, envolvendo movimento, teatralidade, alegria, lazer, em que os códigos sociais se misturam, evidenciando a maneira singular de se viver em coletividade, criando-se um mundo virtual de júbilo, diversão, fé, êxtase. Uma mistura entre sagrado e profano⁽²⁾. Segundo Gilberto Freyre, nossa religiosidade (cristã) é de caráter acentuadamente “doméstico, lírico, festivo”, a “liturgia antes social que religiosa”, em que as cerimônias se voltam mais para as cores, a pompa exterior, mesmo ao carnal, a uma dimensão mais estética, recreativa do que a efervescência da fé (“Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal” 23ª ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1984, pp 22, 249, 355)⁽³⁾.

“Não vi durante o percurso (em Pium-i) nem casas nem plantações. Em compensação, encontrei várias carroças atreladas a três ou quatro pares de bois que levavam as famílias ao arraial para a festa da Páscoa. No sertão, onde as fazendas ficam geralmente muito afastadas da paróquia, somente os homens vão ao povoado regularmente durante o ano, mas por ocasião das duas grandes festas, Natal e Páscoa, a família inteira empreende essa viagem. Mulheres e crianças são metidas dentro dos carros de bois e eles passam alguns dias na casa que possuem no arraial para em seguida retornarem à fazenda (Saint-Hilaire – “Viagem às Nascentes do Rio São Francisco”, Belo Horizonte, Itatiaia, 2004, p. 98).

“Domingo de manhã. Realmente a vila apresenta uma certa aparência respeitável de domingo (...). Há um movimento inusitado nas ruas, pois em lugar da aparência deserta habitual, elas agora são animadas por grupos de camponeses vestidos com suas melhores roupas, que vêm assistir a missa matinal; eles vêm a cavalo, sós ou

de garupa, a mulher montada atrás do homem ou vêm a pé; muitas das mulheres trajam a típica e antiquada capa preta de Minas, que dá a velhas e jovens a mesma aparência de anciãs; os homens estão todos vestidos com asseio, com paletós de algodão claro ou preto. Muitos vieram a pé de distâncias consideráveis e, ao se aproximarem da vila, tanto homens como mulheres param para calçar os sapatos, reassentar os cachos oleosos e se “aprontar” de todos os modos antes de entrar no high street de Capela Nova (Betim)” (James Wells – “Explorando e Viajando Três Mil Milhas Através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão” vol. 1, Belo Horizonte, FJP, 1995, p. 129). Segundo o autor, finda a missa, acompanhada com reverência pelos fiéis, o profano (diversão e lazer) torna-se primazia: “Alguns vão para casa, outros vão visitar amigos da vila e muitos dos homens vão jogar” (Wells, pp. 129/130).

“Após ter cavalgado por cerca de seis milhas através dessas campinas abertas e planas, chegámos numa pequenina e graciosa igreja, cercada por um muro baixo e ligada a um presbitério. À distância, seu aspecto era extremamente interessante, pois que era dia santo e, embora não tivéssemos avistado uma única habitação, umas trezentas pessoas, no mínimo, ali se tinham reunido para ouvir missa. Esta já tinha terminado e as senhoras, vestidas de branco ou de cores vistosas, se haviam sentado sobre o capim, com guarda-sóis verdes, azuis, vermelhos e roxos, abertos por cima, a título de abrigo contra a soalheira. Suas feições esguias e tez pálida, marcadamente as distinguiam como brasileiras do interior, enquanto seus chapéus de lã preta e “baetas” que usavam emprestavam-lhes certa semelhança para com uma congregação de damas do País de Gales, no verão. Os senhores de mais idade achavam-se conversando, a certa distância, entre os cavalos, dando ao seu grupo qualquer coisa de aspecto de uma feira; os mais moços se tinham empenhado em alegres jogos, animando o cenário com seus clamores e vivacidade; os escravos estavam ao pé de suas “senhoras” ou bem vigiando suas montarias” (John Luccock – “Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil” Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1975, p. 290)⁽⁴⁾.

Congada/Batuque - Sobre as manifestações religioso-populares mineiras, a que mais despertou a atenção dos viajantes foi a congada (festa de Nossa Senhora do Rosário) por incorporar hábitos típicos dos negros. O Conde Francis Castelnau (1821-1888), que viajou por Minas Gerais entre 1843 e 1844, refere-se ao “extravagante carnaval dos negros” e “balbúrdia em que confundiam-se danças nacionais, diálogos entre pessoas (...) combates simulados e toda espécie de cambalhotas dignas dos macacos mais exercitados” “reminiscência da costa africana com os costumes brasileiros e cerimônias religiosas” (“Expedição às regiões centrais da América do Sul” São Paulo, Cia Editora Nacional, 1979, pp. 171/172).

Outro viajante, Georg Wilhelm Freyress descreve os batuques – festas de negros – sentindo-se impactado pela “música infernal e gritaria insuportável” mencionando ainda o forte conteúdo lascivo da umbigada (“Viagem ao interior do Brasil” B.Horizonte/S.Paulo, Itatiaia/Edusp, 1982, p. 80). Hermann Burmeister, por outro lado, que assistiu os festejos de Nossa Senhora do Rosário em Lagoa Santa, empresta-lhes o conceito de fenômeno socioantropológico, enfatizando o seu caráter efervescente, efêmero, de espetacularização e suntuosidade, de subversão, de abertura para o imaginário e transposição/experiência de ser (mais um) outro que a si mesmo (“Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais visando especialmente a história natural dos distritos aurí-diamantíferos” São Paulo, Martins, 1952, pp. 238/239).

Saint-Hilaire igualmente assistiu aos citados festejos quando de sua passagem por São Domingos, atraindo-lhe particularmente a atenção a iluminação festiva das ruas e o pomposo cortejo do imperador até a igreja, do qual ele (o autor) fez parte e ainda a qualidade da música executada, a postura dos fiéis durante a missa, o retorno do cortejo até a casa do imperador onde fora servido “lauto jantar” acompanhado de música, danças, oferendas de doces; aborda ainda Saint-Hilaire a origem da festa, sua degeneração, os critérios para a escolha do novo imperador, substituído anualmente (“Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais”, Belo Horizonte, Itatiaia, pp. 284 a 286).

NOTAS:

(1) Modalidades/exemplos de festas mencionadas/relatadas pelos viajantes:

- Festas cívicas: Coroação de D. Pedro I (festividades assistidas por Saint-Hilaire na Vila do Príncipe, hoje Serro, p. 303); Maioridade de D. Pedro II (festividade descrita e testemunhada pelo viajante George Gardner em Diamantina – p. 306).

- Festas religiosas: Pentecostes, Páscoa, Natal, Corpus Christi, festas de santos padroeiros, de irmandades religiosas, casamentos, batizados, funerais etc.

- Festas privadas (profanas) – bailes, soirées, almoços e jantares em casas de família ou com autoridades

- Festas populares – cavalhadas, batuque, carnaval; festas de negros (congadas), de indígenas etc.

(2) As festividades religiosas (Semana Santa, festas de padroeiros) dada a sua suntuosidade, promovidas pelas irmandades causavam forte impacto nos viajantes. Saint-Hilaire considerou-as “festividades quase pagãs”, geradoras de “despesas loucas”, de “esbanjamentos inúteis”. Isso sem contar com o número por vezes absurdo de templos. “Além dessas igrejas e suas sucursais, existem outras pertencentes a irmandades e enquanto estes últimos templos se ornaram com pratarias e alfaías preciosas, muitas vezes a igreja matriz é completamente abandonada. A mais ínfima povoação possui às vezes cinco ou seis templos; mal uma confraria dispõe de alguns recursos, logo inicia a construção de uma igreja, sem pensar em como a terminará; se, porém, o zelo arrefece, o edifício não se termina, ou orna-se o interior e as paredes ficam caindo em ruínas. Constroem-se templos sem necessidade, fazem-se despesas loucas para celebrar os padroeiros com festividades quase pagãs, e como já o fiz notar alhures, não se pensa em fundar um estabelecimento de caridade, hospitais, escolas gratuitas, etc. Nem mesmo se pode dizer que para esse abuso concorra uma piedade mal compreendida; na maioria das vezes, a causa é a vaidade. As irmandades rivalizam entre si e procuram distinguir-se por esbanjamentos inúteis. Tão grandes privilégios foram concedidos às ordens terceiras do Carmo e de Santo Antonio que, frequentemente, são vistas a lutar com sucesso contra uma das autoridades mais respeitáveis para os cristãos: a autoridade de seus pastores” (Saint-Hilaire – “Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” Belo Horizonte, Itatiaia, 2000, p. 84).

(3) Alguns viajantes observam e condenam o desvirtuamento de festas religiosas no Brasil, vistas por eles como diversão e lugar de encontro. É o que apontam Richard Burton ao comentar uma festa de Corpus Christi em Matozinhos (“Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho” Belo Horizonte, Itatiaia, 1976, p. 107) e John Luccock ao assistir uma procissão em Vila Rica (“Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil”, p. 338) Outros viajantes como Hermann Burmeister (1807-1892) (“Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais visando especialmente a história natural dos distritos aurí-diamantíferos” São Paulo, Ed. Martins, 1952, p. 250) acentuam o aspecto de diversão e de espetáculo nas festas de santos, com as realizações de rifas pós-procissão; Wilhelm von Eschwege (1777-1855) descreve com elegância a realização dos festejos da Assunção de Nossa Senhora em Formiga, com enorme afluência de gente de outros lugares, mas se estarrece com a ociosidade generalizada, a promiscuidade, os moradores a partir da “parte mais bem situada da população” (brancos e mulatos) envolvidos dias e noites com “o baralho, o jogo da bola, de damas e de dados” “É de estranhar que a moralidade – em lugar tão pequeno e afastado, longe do litoral, de onde a imoralidade costuma irradiar-se através de réprobos de várias nações – tenha caído tanto!” (“Brasil, Novo Mundo” Belo Horizonte, FJP, 1996, 2 vol. Pp. 79/81).

(4) John Luccock (1764-1829), comerciante inglês que viveu no Brasil por 10 anos, eis como relata sua chegada num domingo ao local “Curral Novo”, hoje cidade de Antonio Carlos, MG.

DARCY AUGUSTO MALHEIROS (1923 – 2012)

AUTOR DE EXTRAORDINÁRIAS MÚSICAS COMO

“SANTO ANJO DO SENHOR”, “JERUSALÉM”, “LÁ VEM JESUS”, “JESUS EM NOSSOS CORAÇÕES”.

SANTO ANJO DO SENHOR

Santo anjo do Senhor
 Meu zeloso guardador
 Já que a ti me confiou a piedade divina
 Sempre me rege, guarda, governa e ilumina
 Amém!

JERUSALÉM

Só Jesus nos quer
 Tem grande poder
 Em nós
 Ouvimos Sua voz
 Jerusalém
 Quantas vezes teus filhinhos
 Eu vim juntar
 Duvidaste, e fugiste
 Não quiseste me escutar
 vem juntar teus filhinhos
 Pelo precursor que é Zarur
 Que eu mandei
 Pois é grande o seu amor
 Eu voltarei
 Podeis crer
 Novamente estarei entre vós
 Julgarei, saberei se ouvistes a minha voz
 E eis aí o Amor
 Que é o Amor do Novo Mandamento
 Para unir, para amar
 E Zarur aí foi mostrar
 Je - ru - sa - lém!



LÁ VEM JESUS

Lá vem Jesus
 A caminhar
 Já começou
 A nos chamar
 Vamos, sim, com Jesus
 Vamos, sim, trabalhar
 Pelos nossos irmãos
 Sem parar
 LBV
 És de Jesus
 Com teu Amor
 Com tua Luz
 Dá-nos forças, Senhor
 Nós queremos seguir
 Confiando, Senhor
 Só em Ti
 Hoje, sim, o Amor
 Vem da LBV
 Só Jesus é Pastor
 Só Jesus é Poder
 Foi Zarur quem nos deu
 Este campo de Luz
 Inspirado também
 Por Jesus

JESUS EM NOSSOS CORAÇÕES

Jesus, Tu és Amor
 Tu és a nossa vida
 Tu és a grande Luz
 Que sempre há de brilhar em nossos corações
 A nossa vida está
 Em Tuas mãos, Senhor
 E Tu nos levas ao Pai
 Com muita Paz, Luz e Amor
 O Teu Amor é tão sublime, sim
 O mundo inteiro há de saber, Jesus
 Tu estás chegando e a cada um darás
 De acordo com as suas obras
 De acordo com as suas obras